

Stadium

Assim, desta maneira, num golpe rápido, oportuno e preciso, marcou o avançado-centro Fernando Peyroteo o «goal» da vitória! A bola fôra chutada para a frente e o guarda-redes de Paris abandonou as balizas; Peyroteo meteu-se de permeio e de «cabeça», passou-lhe a bola por cima. Um modelo de execução e virtuosismo!



N.º 211

18 DE DEZEMBRO DE 1946

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

MAIS UMA VITÓRIA DO FUTEBOL PORTUGUÊS!

JOGAMOS O SUFICIENTE PARA VENCER

A Selecção de Paris, rápida e vigorosa, foi batida pela nossa vontade, organização e boa condição física

Crónica de TAVARES DA SILVA

MARCAMOS mais uma vitória no futebol de Lisboa, e podíamos acrescentar no futebol português. Vencemos! Superior a toda a ordem de considerações, há esta verdade. Os parisienses saíram do campo derrotados por 3-2, ao mesmo tempo que em Paris outro grupo representativo era batido por Belgrado por 4-2. Isto prova que é sempre arriscado fazer duas selecções — quando se quer ganhar. Porque o critério parece-nos bom. E a jogar que se aprende a jogar, e os desafios desta natureza são os mais indicados para fazer internacionais.

Paris deslocou a Lisboa uma forte equipa. Encantou observar o seu jogo, pleno de luz e de equilíbrio. O onze manobrou com facilidade e sem esforço, pelo menos, visível. A bola deslizava na relva com rapidez, e as triangulações resultavam certas e precisas.

Os parisienses, como todos os jogadores de futebol (a Espanha não quer render-se às realidades!), praticam o jogo de posição, ocupando o médio-centro um posto recuado na linha dos defesas e em frente das balizas. Praticam-no, mesmo, em absoluto, cobrindo todos os movimentos do adversário. Na primeira parte, especialmente, a marcação realizou-se com muita atenção, ao ponto dos nossos jogadores raramente terem os movimentos livres. E é muito difícil jogar-se em semelhantes condições.

Nem só no aspecto defensivo, de marcação, os nossos adversários se mostraram magníficas unidades. Também no aspecto de ataque, ou de desmarcação, eles revelaram possibilidades, sabendo desenhar os seus triângulos. Algumas vezes, um dar de bola oportuno e certo, no momento preciso, bateu toda a defesa lisboeta. As dificuldades desta foram patentes!

Além de isso, a selecção de Paris revelou força e velocidade. O aspecto do encontro mudou da primeira para a segunda parte, um pouco por a equipa se ressentir do esforço intenso dos três quartos de hora primeiros, e muito pela subida do grupo lisboeta. E a lei conhecida das compensações: quando um sobe, outro desce...

Barreau, o seleccionador único da França, arranjou um onze activo e eficiente, sacrificando os jogadores da galeria que parte do público tanto aprecia, mas com os quais não se ganham encontros. Apresentando-nos, deste modo,

um conjunto sólido e de fundo. Um onze tendo na devida conta o valor das balizas.

Foi realmente impressionante a maneira fácil e precisa como os franceses nos bateram por duas vezes. De qualquer delas, Azevedo apareceu batido — mesmo antes do remate ter partido...

A selecção de Paris alinhou: Crosland, Mindonnet, Nuevo, Bersoullé, Pons, Grégoire, Scolarly,

O ataque dispõe de dois *extremos* rápidos, um *centro* de visão inteligente do jogo, e dois *interiores*, sóbrios, posto que eficazes. Todos estes jogadores sabem espalhar-se no terreno e trocar as suas posições, não dando ao futebol o tom da confusão.

A Selecção de Lisboa não apresentou qualquer novidade no sistema tático. Decerto nem teria vantagem nisso, estando os joga-

ciado as deficiências, devemos acrescentar que a Selecção de Lisboa também mostrou óptimas qualidades, e que venceu por méritos próprios. O triunfo não choca! A verdade é só uma: podíamos ter consentido o empate, mas também podíamos ter reforçado as três bolas. A ideia da derrota só assaltou o nosso espírito — quando os franceses fizeram 2-1. Foi por assim dizer um relâmpago. Os lisboetas depressa afastaram a nuvem negra.

Como tantas vezes sucede, a selecção de Lisboa não conseguiu a vitória no seu melhor período. Marcando, no entanto, os seus tres pontos no primeiro tempo, isso indica claramente que o *team* português nunca perdeu o rumo.

É certo que, na primeira parte, o comando do jogo coube aos de Paris. Nós jogámos mais pela energia do que com o valor, neste período. Mas realizámos algumas avançadas de boa urdidura, e sempre muito perigosas. Começámos com uma bola, sofremos o empate e reagimos aos 2-1, com uma bola proveniente de jogador de movimento e conjunto, e outra de pormenor — ambas do avançado-centro.

A equipa mostrou-se apta, fisicamente. Essa boa condição permitiu-lhe, no enfraquecer de forças do adversário, mudar o rumo do jogo e passar a exercer domínio — actuando na casa do adversário.

Em toda a segunda parte, entrando em linha de conta com as reacções parisienses, vivas e animadas, os lisboetas demonstraram superioridade. Da boa ligação dos defesas e médios, e da sua compenetração, resultou fecharem-se as portas ao adversário.

Este queria esgueirar-se, e não podia. O seu vigilante não descuava a guarda.

Mas os médios não se deram somente à tarefa defensiva. Foram mais longe, e acarretaram muita bola para a frente. Conduzindo o jogo e impulsionando os homens da frente. E aqui se recortaram



Peyroteo, o avançado-centro nacional, cujo poder de realização impressiona. A terceira bola marcada por Lisboa no desafio contra Paris ficará como um modelo clássico de execução

Luciano, Lozia, Proust e Moulet.

Trata-se de um *team* de bons elementos: qualquer deles de razoável categoria. O que não quer dizer, evidentemente, que uns não sejam melhores do que outros. Quanto ao jogo, o que interessa é dar uma ideia do trabalho de todos.

Crosland, o guarda-redes, é o tipo do jogador sóbrio. Não tem a *classe* de Da Rui, mas tudo quanto faz resulta bem feito e consciente. Mindonnet e Nuevo, os dois defesas, são fortes e de seguro despacho de bola. Colaborando ainda, com acerto, na marcação, com os médios.

O *half* de ataque Bersoullé deixou-nos admirável impressão. Trata-se de uma unidade activa, que sabe variar o jogo e aplicar com mestria os seus golpes. O médio Pons, que joga recuado, dispõe de pontapé forte, provocando perigosas contra-ofensivas com os seus passes largos. Grégoire, o outro médio de ataque, é de boa talha e colabora magnificamente com a linha da frente.

dores tão acostumados já a determinada *distribuição* no terreno. Regista-se, no entanto, em alguns dos nossos elementos, a tendência para o esquecimento dos princípios da marcação, o que causa graves perturbações no conjunto. Eis um defeito que pode acarretar funestas consequências. Está provadíssimo que a mecânica moderna conduz a bons resultados, mas para isso é preciso que cada unidade se aplique na sua função. Exemplificando: desde que se deixe um adversário livre, tudo se modifica e essa falha reflecte-se na máquina. Mesmo os jogadores que conhecem de cor o futebol, ficam sem saberem o que fazer...

Por outro lado, e talvez por ser mais difícil desmarcação, o nosso ataque não consegue ter a perfeição táctica do bloco da defesa. E não falaremos agora do aspecto técnico, isto é, de execução: — Quase todos os estrangeiros que nos visitam têm melhor toque de bola...

Em todo o caso, e tendo já enun-

Stadium

Desde o nº 1 — 2.ª Série
cada exemplar passa a
custar 2\$50

Stadium



Francisco Ferreira, o nosso médio de ataque excepcional, que subjugou pelo vigor dos seus golpes e pela maneira como anima os seus companheiros. A sua exibição contra Paris foi primorosa!

nitidamente as deficiências da asa direita, de futebol estático e frio. Se os avançados se têm desmarcado e aberto as asas, não teria havido confusão e os momentos de remate mortal não deixariam de surgir. Na linha da frente, vários lances perderam-se porque o homem de posse da bola via os seus companheiros cobertos e não via furo no seguimento da jogada. Mesmo assim, os ataques repetiram-se amiúde, e na sua quantidade registaram-se lances de qualidade.

A selecção de Lisboa formou os seguintes jogadores: Azevedo, Cardoso, Feliciano, Moreira, Francisco Ferreira, Serafim, Jesus Cor-

reia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Rogério.

Analisemos o seu trabalho. Azevedo não brilhou, um pouco pela espécie das bolas com que foi batido, e também porque não lhe foi dado muito que fazer. Mas às vezes não se brilha, trabalha-se pouco e produz-se muito. Duas defesas chegam para manter os seus créditos e continuar a acreditar-se nele.

Cardoso, na sua maneira sóbria mas invulgarmente eficaz, parou muitos golpes e alguns deles com aspecto de coisa terrível. Entradas de flanco, com o corpo, que transformaram em inocentes jogadas de grande perigo. Feliciano acertou bem o passo com o seu companheiro. Evidentemente, o hábito que Feliciano nos deu na época passada de exibições gigantescas ficou de tal modo nos olhos de toda a gente, que uma simples boa exibição já não satisfaz. Mas os jogadores devem ver-se na forma em que se encontram, e Feliciano ainda é alguém no terreno.

Vem depois o trio médio, a linha que nos tem feito ganhar muitos desafios. Enquanto a conseguimos apresentar, com o valor de domingo passado, podemos confiar na *team* e adormecer relativamente tranquilos. Moreira teve uma acção decisiva no jogo de ataque, em transporte de bola e decisão de jogada. Nem sempre a guarda do interior mereceu a devida atenção do excelente médio, mas a verdade é que todos os proveitos não cabem num saco. A toada de ataque fez logicamente correr alguns riscos. Francisco Ferreira elevou-se a grande altura. Seja qual for o aspecto por que o apreciemos, a sua figura salienta-se, e não só na destruição como na construção. Serafim deu largas na primeira parte ao extremo adversário, para depois se colorar mais perto dele e anulá-lhe todas as tentativas.

A linha avançada deu-nos a revelação de um jogador de estofa de internacional. É certo que Travassos já vem distinguindo-se, no seu clube, desde o princípio da época, mas são os jogos como o de domingo que fazem a prova real. Após o natural nervosismo da estreia, o interior leonino abriu o Tratado, e em desmarcações, fintas e driblings, e no serviço à asa, não se tem feito melhor em outras vezes. Lástima que o seu poderoso remate não tivesse resultado.

CAMPEONATO NACIONAL

Académica e Sanjoanense

empataram 1-1 no jogo que estava em atraso

Tivemos no último domingo apenas um jogo do campeonato nacional de futebol: — entre a Associação Desportiva Sanjoanense e a Associação Académica de Coimbra, que não se efectuara no primeiro dia da prova máxima, por via de qualquer «questão» a resolver pelas entidades superiores. Ficaram agora todos os concorrentes com o mesmo número de jogos. Os estudantes de Coimbra figuram por isso com 3 pontos e os campeões de Aveiro com o que obtiveram no empate de 1-1, conseguido no seu campo.

A formação sanjoanense conseguiu marcar quando já perdia por 1-0, tento de Nana ao transformar uma grande penalidade. O ponto, conseguido por Pardal na segunda parte, teve o condão de animar os campeões aveirenses, mas a defesa escolar esteve à altura da situação e não se deixou bater no resto do tempo.

O resultado, visto bem o jogo, pode considerar-se de acordo com as possibilidades reveladas por ambos os grupos e deve servir para animar um pouco os jogadores locais.

Elementos que se distinguiram: Costa Leite, Mota, Baptista e Joaquim, um elemento de largo futuro, na Sanjoanense; Szabo, Azevedo, Nana, Mário Reis e Eduardo Santos, na Académica.

Os grupos:

Sanjoanense — Mota; Joaquim e Costa; Santa Clara, Baptista e Carvalho; Pardal, Rocha, A. Santos, Azevedo e Arlindo.

Académica — Szabo; António Maria e Mário Reis; Reis, Eduardo Santos e Brás; Melo, Azevedo, Jorge Santos, Nana e Bentes.

Árbitro — Domingos Miranda, da A. F. Porto.

Rogério combinou excelentemente, passou bem, teve fugas, mas tornou confusas algumas situações claras. Peyroteo, o centro avançado, foi um grande senhor. As suas deficiências de domínio de bola quase que não interessam, dado o seu extraordinário remate, oportuno e rápido, e a sua visão dos lances de que a marcação da terceira bola é a melhor das ilustrações. Tudo foi belo e harmonioso naquele golpe, autónomo, que nos deu o triunfo. Só os jogadores de garra e de classe são capazes destes detalhes — que dão vitórias. Vasques não nos deu uma estreia auspiciosa, e não há que negar o facto. Jogador de boa corrida, é lento no executar, e a verdade é que tal lentidão não se conjuga com o ritmo, nervoso e veloz, do nosso jogo. Mas o rapaz tem ainda muito tempo na sua frente, e quem viver verá ainda um magnífico jogador. Também a impressão colhida no futebol de Jesus Correia não pode ser lisonjeira. Se nos disserem que o extremo leonino foi mal servido, responderemos que não se desmarcou devidamente em muitos lances e que não deu seguimento a outros. Uma só má exibição não é definitiva para o julgamento de um jogador, mas não deixa de ser um dado importante.

Marcarem-se cinco bolas: 1.^a, aos 3 minutos, de Rogério, em re-

colha de um passe de Travassos; 2.^a, aos 9 minutos, de Lozias vindo a bola de Luciano; 3.^a, aos 29 minutos, de Lozias, que conseguiu driblar a defesa e rematar à vontade; 4.^a, aos 31 minutos, de Peyroteo, em recolha da bola passada por Travassos; 5.^a, aos 37 minutos, de acção pessoal de Peyroteo.

Carlos Canuto honrou a arbitragem e o desporto português, num trabalho primoroso e imparcial, de competência e autoridade. Canuto demonstrou, mais uma vez, ser o nosso melhor juiz, e aquele que tem o melhor critério na direcção de uma partida.

O Lisboa-Paris deu-nos uma bela vitória, no fundo e ao cabo. Talvez isto seja bom prenúncio, no momento em que vamos entrar em actividade internacional. O Portugal-Suíça está à porta e o Portugal-Espanha não falta!

Tavares da Silva

O nosso telefone é: — 4 5903

Ano V — II Série — N.º 211
Lisboa, 18 de Dezembro de 1946

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa, Cidadão João Gonçalves, 19, 3.^o
Tel.: 4 5903 — LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEGÓCIOS, UNIDADE
SILVAS, EDITADO

O «Almanaque dos Desportos» vai publicar-se

Para que os desportistas que já escreveram a pedir o «Almanaque dos Desportos», tanto para a Travessa Cidadão João Gonçalves n.º 19, 3.º, ou Avenida Oscar Monteiro Torres n.º 37, 1.º, Esq., em Lisboa, como para a Rua Fonseca Cardoso, n.º 153, no Porto se considerem inscritos, vai a «Stadium» publicar brevemente os seus nomes.

Informamos a propósito que no último número da *Stadium* saíram erradas as direcções onde se atendem os pedidos. Repetimos: por enquanto, só nas que acima indicamos se fazem as respectivas inscrições.

O «Almanaque dos Desportos» só é dado como pronto, devidamente actualizado, isto é, depois de passada toda a época de 1945 e o ano de 1946, motivo por que se aguardam ainda vários trabalhos. Quem desejar obter tão valioso livro de 300 páginas ilustradas, e de grande formato, não deve demorar, entretanto, o seu pedido.

Sarau do Ginásio Clube

Realiza-se hoje à noite, no Coliseu dos Recreios, o grandioso sarau ginástico desta colectividade. Como de costume, assistir-se-á por certo a um belo espectáculo de educação física.



O «Capucho II», n.º 1.171, à frente de um grupo de concorrentes

Os velejadores PORTUGUESES em CUBA



Em plena regata vê-se perfeitamente o barco português de Capucho, n.º 1.171, o segundo da esquerda



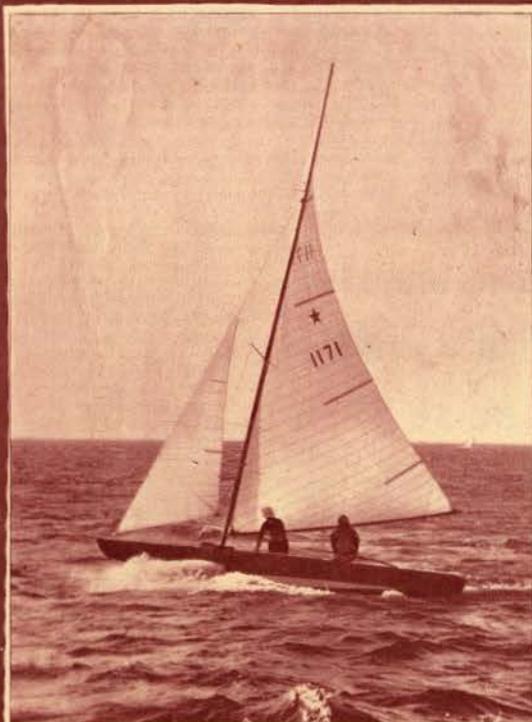
Uma bela e animada fase do Campeonato Mundial de stars realizado em Habana

Regressaram na passada semana a Portugal os velejadores portugueses que tinham ido a Habana tomar parte nas regatas do campeonato do Mundo da categoria "Stars".

Conforme é já de conhecimento público Capucho e Fiuza, embora a sorte os não favorecesse, tiveram comportamento digno das tradições portuguesas neste desporto e o primeiro, classificando-se em 11.º lugar entre os vinte e oito concorrentes, trouxe para o nosso país o "Distant Fleet Trophy", taça destinada ao participante estreado, vindo de local a mais de 1.000 milhas de distância, que melhor posição final alcançasse.

Os representantes nacionais sofreram avarias, — a de Fiuza tão grave que o obrigou a abandonar a prova — consequências directas da agitação do mar, incomparável com a das nossas águas.

João Capucho, como dissemos o português melhor classificado, alcançou nas cinco regatas, sucessivamente o 13.º, 14.º, 5.º, desistência e 9.º lugares. A desistência foi motivada por um toque numa das



O «Capucho II» corta velozmente as águas, para se classificar brilhantemente

balizas de rondagem e no segundo dia partiu se-lhe o leme a 400 metros da meta, conseguindo concluir o percurso apenas com a vela da prôa, mas ultrapassado depois do incidente por alguns adversários que, sem isso, estavam irremediavelmente batidos. No último dia de competição correu ainda com a cana do leme remendada, pois se partira na véspera.

A grande maioria dos participantes era de americanos, um dos quais, Georges Fleitz, de Los Angeles, conquistou o campeonato. Os concorrentes de outras nações classificaram-se, respectivamente, o inglês Knowies, de Nassau, em 3.º lugar; o representante da frota de Habana em 6.º lugar; o brasileiro Ernani Simões, do Rio de Janeiro, em 22.º e o espanhol Zulueta, de S. Sebastião, em 27.º.

Estes números bastam para colocar na devida posição o mérito da representação portuguesa que não desmereceu dos seus créditos e beneficiou por certo de preciosos ensinamentos muito úteis para o futuro.

A FESTA dos trabalhadores da Stadium

a-propósito do 4.º aniversário da Revista

As festas de jornalistas são diferentes das festas das outras pessoas. Não são melhores. Nem piores. São diferentes, repetimos — e eis tudo...

Há nelas algo de subtil e ao mesmo tempo de profundo. São manifestações de camaradagem e de espírito. Cada «esteiro» — deixem-me empregar este termo — está ligado ao outro por laços invisíveis de solidariedade, espírito de sacrifício, que bem preciso é na minha profissão, e dedicação por uma causa — um jornal. Neste caso — por uma revista. A «Stadium». Que é digna. Que seria a melhor — se mais houvesse... Disse-o o Tavares da Silva. E disse-o porque conhece bem a gente com quem trabalha, que ele dirige a sorrir, entre um «Larranozo» e um «whisky» — eterno «gavroche» do nosso jornalismo... Figura inconfundível. Belo camarada.

Mas a festa da «Stadium», para comemorar o 4.º aniversário da sua fase actual, excedeu o âmbito de uma festa de jornalistas. Foi muito mais. Foi uma festa de quantos tornam possível a revista e a fazem. Uns dando o capital — os outros o trabalho. Uns e outros sem o fito de enriquecerem. Que em Portugal, regra geral, não se enriquece materialmente a fazer revistas desportivas...

Nesta festa estiveram todos os que são as «pedras angulares»



O Dr. Guilhermino de Matos pronunciando o seu discurso

da «Stadium». Desde Amadeu Seabra, um camarada mais do pessoal da administração, diligente e esforçado. Confraternizou-se. Estrelaram-se laços de simpatia, criaram-se, talvez, novas amizades. Esta reunião foi bem uma festa da nossa gente.

E teve ainda outro curioso aspecto: o de se realizar numa



Os lugares de honra do jantar de confraternização da «Stadium» foram ocupados por Amadeu Seabra, na sua qualidade de representante da Sociedade proprietária, Dr. Guilhermino de Matos e José Soares, respectivamente, director e administrador da Revista. Os homens que, verdadeiramente, tornam possível a nossa Obra.

casa de desportistas. No «Pachero» do Chico Ferreira e do Mário da Conceição. Sim, o Chico Ferreira, do Benfica, um excelente rapaz e um comerciante de alto a baixo... Não podia encontrar-se melhor ambiente. Nem ambiente mais amável do que o capitão do Benfica. Como nos desfalcos que disputa, Chico Ferreira pôs todo o seu interesse em bem servir-nos. Só gesto de comerciante? Não. Acima de tudo — gesto de amigo.

Reunia-se no simpático «Pachero» casa de ambiente mexicano, bem decorada, pequena «boite» em pleno Bairro Alto, o melhor da revista. Não pôde ir o Rodrigues Teles, ainda a sofrer das consequências do desastre da «Volta a Portugal». Lamentou-se a sua falta. A falta de um camarada que todos estimam. Votos pelas suas melhoras lê-lo o nosso director, Dr. Guilhermino de Matos. Todos o acompanharam intimamente.

Mas quem estava? Amadeu Seabra, o director Dr. Guilhermino de Matos, o administrador José Soares — o verdadeiro autor da revista — o chefe da redacção Tavares da Silva, os redactores Rafael Bar-



Tavares da Silva fala, com simplicidade, da acção de todos os colaboradores e da vida da «Stadium»

Num jantar de confraternização, por motivo do 4.º aniversário da nossa Revista, reuniram-se no «Puchero», o moderno e pitoresco restaurante de Francisco Ferreira e Mário da Conceição, todos os que trabalham em «Stadium». Foi uma bela festa de camaradagem e espírito!



radas, Dr. Salazar Correia, Fernando Sá. Antes Teixeira, Diamantino Dias, Abreu Torres e o signatário — cronologicamente o nódo da família — os fotógrafos Amadeu Ferrari, Jorge Garcia, José Manique e Manuel Morais, o chefe da revisão Mariano Franco, o pessoal da administração, com as gentes D. Berta Sales e D. Maria Carlota e Alívio Simões, os representantes da maquinaria, Javenel Perestrelo e Fernando Carvalho.

Esteve ainda no «Pachero» Vasco Santos — o redactor do xadrez. Não pôde acompanhar-nos. Tinha uma partida de campeonato.

O ágape decorreu da melhor maneira. Entre cada garfada, entre cada copo esvaziado — um dito de espírito, uma boa graça portuguesa... Às vezes, de perfume, coisas sérias. Que a vida é feita de contrastes.

Afirmção plena do bom desejo que todos têm de contribuir para a expansão da Revista, o jantar marcou uma data na história da «Stadium»...

Poucos discursos.

Manuel Mota

(Continua na página 19)



*
 O grupo da Associação de Futebol de Lisboa tal como se apresentou no último treino efectuando na quarta-feira passada, no Estádio Nacional.

No primeiro plano, da esquerda para a direita: Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travessos e Rogério. No segundo plano: Moreira, Serafim, Azevedo, Feliciano, Francisco Ferreira e Cardoso.

*

Antes do Lisboa-Paris

No Estádio Nacional e no estádio de Sintra

Manhã cedo de quarta-feira, 11 de Dezembro! Uma pequena neblina envolve o Vale do Jamor na sua poalha dourada — que os poetas tão bem sabem exaltar. O estádio, tanto a pista como as instalações, está deserto. Somos os primeiros a chegar. E visionamos por um fenómeno de sugestão a luta do próximo domingo — um Lisboa-Paris que nos dará, certamente, a medida da forma actual dos jogadores portugueses e até da própria disposição em que se encontra o *team* nacional. Nem é preciso fechar os olhos. Vemos as vastas bancadas cheias de gente, e um ambiente de vibração — porque hoje acredita-se no futebol português.

Chegam os jogadores, com Gustavo Teixeira e Augusto Silva. Já estão na pista — quando, por acaso, ao lado do Seleccionador de Lisboa, ouvimos a indicação de que a *última sessão* do Grupo lisboeta tem de ser lá em baixo, no campo de treinos. Peyroteo, no seu desembaraço, não se contém: — Pois é! Os nossos adversários treinam aqui, e nós vamos para o campo de treinos...

O certo é que ninguém errada pé. E o desafio-treino, Selecção de Lisboa contra uma formação Estoril Praia, reforçada com Capela, Vasco, Amaro, Quaresma e Albano, começa, em magnífico andamento.

Não se pode nem se deve exigir que semelhantes desafios tomem o carácter de *luta de vida ou de morte* — como sucede nas competições oficiais. Trata-se de uma prática para *dar conjunto* e habilitar os jogadores à *maneira* de cada um.

Por assim ser, já muita gente tem sido decepcionada dos treinos: *julgava uma coisa e encontra outra*. Ora, a verdade é que os próprios jogadores têm a noção da responsabilidade. Assim, à medida que se aproximam os desafios — os treinos tornam-se mais sérios, adquirindo um colorido diferente da *facilidade* das primeiras sessões.

Os jogadores empregam-se mais a fundo, e assim sucedeu no treino de quarta-feira, que decorreu rápido, procurando cada unidade colocar-se o melhor possível e todos se apercebendo da necessidade de *marcação*. Todavia, ainda se registaram alguns ditos de espírito — provendo a camaradagem excelente que liga todos os jogadores.

Peyroteo tornou-se particularmente notado pelos seus remates, poten-

tes, furiosos e bem dirigidos, e estava na sua frente o guarda-redes internacional... Este disse em certo altura:

— Já sei, queres *queimar-me*...

E logo Cardoso, cá de longe, ainda na amargura da derrota dos Solistas:

— Pois sim! Mas no domingo passado nem um só desses remates aplicaste...

Esclarecimento de Serafim:

— Ora! Mesmo que V. V. jogassem contra nós três horas não nos mereavam uma bola!

O treino prossegue com jogadas num e noutro campo, dominando abertamente a Selecção. Augusto Silva esclarece, comenta e aconselha, às vezes pelo exemplo prático. Joga-se apenas uma hora. Logo um duce quente (*fluxo* que antigamente não era conhecido!) e cada um à sua vida para, à nolinha, recolher ao hotel de Sintra.

E' lá que os vamos encontrar, à nolinha. Acetamos gostosamente o convite para jantar. Quase que não há protocolos. Todos se sabem comportar, e a disciplina é espontânea: sômente a que resulta de, pela força do cargo, um ter que orientar e outros acharem-se integrados no pensamento que, afinal, é comum.

Indagamos se estão satisfeitos. Contentíssimos! Esta fórmula agrada a alguns mais do que o estágio completo. Há a mais perfeita harmonia no grupo. Quando indagamos qual será o *team* — todos dizem que não sabem. O Gustavo dir-nos-á no sábado.

Hoje alinharam com Azevedo, Cardoso, Feliciano, Moreira, Francisco Ferreira, Serafim, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travessos e Rogério, e talvez isso seja uma indicação...

— Talvez!

Mas a conversa toma outro rumo. Fazem-se prognósticos. Todos são pela vitória portuguesa: Vasques e Albano 2-1; Jesus Correia e Travessos 3-1; Moreira 3-2. Há também quem prefira não dizer números. Feliciano, Francisco Ferreira, Cardoso, Capela e Amaro nada arriscam:

— Dá azar, dizem.

Augusto Silva, calado, observando sempre, comenta: — o que for soaré Gustavo Teixeira não esconde a sua opinião: O jogo será por certo difícil, pois os parisienses jogam com *genica* e rapidez; um pouco à nossa maneira. E' possível que o seu sistema de passes curtos perturbe um pouco os nossos médios, mas eles já têm a experiência suficiente para o *corte* no momento oportuno. A vitória dependerá da acção da nossa linha avançada.

Chegara a hora do recolher. E regressámos a Lisboa para traçar estas linhas, que serão publicadas já depois do Lisboa-Paris resolvido, mas que por isso mesmo têm um certo sabor. — J. D.

*
 Peyroteo, num dos seus golpes predilectos: de posse da bola e tendo caído um pouco sobre o lado direito, o remate é despedido com extraordinário vigor e numa execução perfeitíssima. Era o último treino da Selecção de Lisboa, e na frente do popular avançado-centro estava o guarda-redes internacional...

*

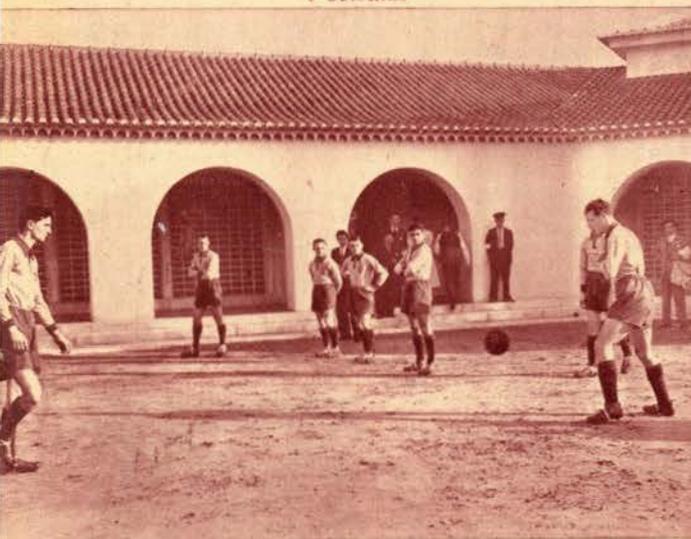




O sr. Presidente da República presidiu ao Lisboa-Paris, rodeado pelo sr. Ministro da França, e pelos srs. Ministros da Educação Nacional, Guerra e Marinha, e Sub-secretários de Estado da Guerra, Obras Públicas, Agricultura, Negócios Estrangeiros e Colónias



Uma visão admirável do Estádio Nacional, em um momento de ataque português — podendo verificar-se o jogo de posição...



Antes de começar o desafio, na praça das cabanas os jogadores de Paris entretêm-se. A luta, a sério, começa de poucos minutos



Tavares da Silva, Gustavo Teixeira, Augusto Silva e dr. Adalberto de Carvalho vêm o jogo, e vão trocando ao mesmo tempo impressões



Há jogadas que dão a impressão de goal. Afinal, a bola cai por detrás dos postes. Eis um desses momentos nas redes francesas!



Os dirigentes e jogadores lisboetas e parisienses, foram recebidos na Legação da França pelo respectivo ministro, sr. Jean du Saull. Um aspecto dessa reunião, antes do encontro



A tradicional cerimónia. Os capitães das duas Seleções cumprimentam-se amigavelmente. Vai proceder-se à escolha do campo, e Paris será o onze contemplado pela sorte

Comentários

Convite significativo

Pela informação do correspondente em Espanha de um dos nossos colegas desportivos, soube-se em Portugal do propósito de convite aos corredores Afonso Marques e João Silva, para participarem na corrida que anualmente se disputa em Barcelona, no dia 1.º de Janeiro, sob a designação de Prémio Jean Bouin.

Embora nenhuma diligência oficial tenha sido feita por enquanto, a ideia deve considerar-se absolutamente confirmada, pois não só foi anunciada nas colunas do diário organizador, «Mundo Desportivo», como ainda sabemos haver sido particularmente transmitida por carta a um dirigente federativo português.

A iniciativa de levar à mais importante prova de estrada calada, que segue, através das grandes avenidas de Barcelona, um percurso de dez quilómetros, os dois campeões de fundo português, é altamente honrosa para o atletismo nacional e mostra bem significativamente o prestígio que conquistaram com o brilhantismo da sua exibição, em Julho passado, na pista de Montjuich.

Falta, porém, saber o que sobre o assunto pensam a Federação e a Direcção Geral de Desportos, de cuja aprovação depende, em última instância, a saída dos dois corredores. Qual é a sua forma actual? Não esqueçamos, entre outros factores, que Afonso Marques está ao presente cumprindo o serviço militar nas Caldas da Rainha, e que João Silva atravessou no final da época passada uma crise grave, de cujas consequências ou recuperação nada se sabe.

Tudo quando se afirma a este respeito é, portanto, ainda prematuro e sem base segura. Se o convite oficial tardar, será mesmo difícil que a deslocação possa ser um facto.

Os nossos representantes não podem seguir à aventura, sem prestarem provas prévias; a corrida que vão disputar, com características especiais de rapidez, porque a maior parte do trajecto é em descida, é de grande repercussão em toda a Espanha e um fracasso dos corredores portugueses — não confundir com derrota normal, porque essa em nada nos afectaria — traria desagradáveis consequências, porque não deixaria de ser suficientemente explorado.

A todos agradará a presença dos nossos campeões no Prémio Jean Bouin; mas na condição de serem os verdadeiros Afonso Marques e João Silva que se desloquem.

Assunto esclarecido

O desagradável incidente da pseudo-entrevista publicada em «Marca», e a que fizemos referência há quinze dias, encontra-se felizmente esclarecido e da mais agradável maneira para os nossos sentimentos de camaradagem desportiva reinante entre desportistas das duas nações irmãs.

Como suspeitávamos no nosso referido comentário, as declarações atribuídas pelo... não nos atrevemos a escrever jornalista... pelo «escrivinhador» Carlos Parnavelha, ao secretário da Federação Espanhola de Atletismo, Sr. Manuel Segurado, e que beliscavam o desportivismo nacional — tão soberbamente demonstrado nestas relações com a Espanha — foram pura invenção, certificado nada abonatório da honestidade de processos do referido rabiscador de falsas notícias.

Antes de conhecida a intervenção oficial da C. P. I. D., Manuel Segurado, avaliando — ele, que tão bem conhece o espírito português — a desagradável impressão que causariam em Portugal as palavras que lhe eram atribuídas, começou por exigir ao jornal uma rectificação (que não foi satisfeita), dirigindo-se depois à Delegação Nacional de Desportos para varrer as suas responsabilidades nas declarações de uma entrevista inteiramente forjada pela fantasia do autor.

O nosso camarada Dr. Salazar Carreira recebeu, em 7 do corrente, uma carta particular de Segurado, velho amigo de longos anos de comuns esforços de aproximação do atletismo peninsular, onde o conhecido dirigente lhe escreve: «Aconteceu-me recentemente um desagradável incidente. Trata-se da informação publicada em «Marca» do passado dia 27, onde gratuitamente me atribuem frases de mau gosto, num artigo assinado por pessoa que todos conhecemos de sobra. Isto motivou que me dirigisse a ele, repudiando as mesmas por serem inaccuratas e pedindo rectificação. Resta-me a consolação de que todos me conhecem bem em Portugal».

Julgamo-nos no dever, visto termos comentado o caso, de apresentar esta explicação que coloca o incidente no seu verdadeiro pé e põe em evidência a lealdade e a amizade que consagra ao nosso desporto o Sr. Manuel Segurado.

Quanto ao escriba Carlos Parnavelha, cuja má vontade pelos assuntos portugueses se explica por um pequeno correctivo que recebeu, quando da sua primeira indelicadeza, fica classificado e não se fala mais em quem não merece atenções. Talvez se remediasse se lhe pusessem uma perna-nova; aquilo deve ser caruncho!



O americano Abrahams, depois da pesagem oficial, lomando o peso ao pulso de Marcel Cerdan

Marcel Cerdan

figura de renome europeu

ganhou o primeiro combate nos Estados-Unidos

MARCEL CERDAN acaba de obter nos Estados Unidos a primeira vitória — nitida, difícil e ansiada — que lhe abrirá as portas do campeonato do Mundo.

O pugilista que Marcel derrotou está longe de ser um dos muitos jogadores que palalam os «rings» americanos. De facto, Georgie Abrahams é já um veterano, com larga experiência, embora tenha festejado o 28.º aniversário natalício há uma semana. Para qualquer ambicioso, será sempre difícil e arduo vencer «o cavalo de ensaio».

Nascido em 1918, fez-se profissional em 1937, abandonando para tal eleito as suas actividades como desenhista. Bateu-se com Teddy Yarosh, considerado nos Estados Unidos como campeão nacional, e ganhou-lhe por pontos. Poucas semanas depois, Yarosh venceu Billy Conn, provando desta maneira o mérito de Abrahams.

Um acidente obrigou-o a suspender durante alguns meses a carreira de boxador. Carado, ganhou a Harry Balsamo, Lou Broillard, Charley Barley, etc. Em 1941 derrotou Billy Soose, para o semi-final do campeonato do Mundo dos «médios», título que disputou com Tony Zale, o outro semi-finalista, indicado pela Associação de Boxe dos Estados Unidos.

Em Novembro do mesmo ano, Abrahams entrou para o serviço da Armada Americana, do qual foi licenciado em Outubro de 1945. Retomada a actividade, celebrou o primeiro combate contra Steve Belleise, ganhando-lhe, muito inteligentemente, por pontos.

Está classificado entre os dez melhores homens do seu peso, abaixo de Rocky Graziano, Jack La Motta, Roy Robinson, etc.

A vitória de Cerdan, pelo que dizem as agências noticiosas, foi conquistada com certa dificuldade, ainda que sem discussão

possível. Diante de um pugilista hábil na defensiva e rápido nos ripostos, o estilo veloz mas aberto de Cerdan facilitou o emprego de bastantes estocadas a fundo, das que põem à prova a capacidade de encaixe do marroquino. Assim sucedeu. A batalha manteve o público suspenso e entusiasmado pelo vigor e valentia



O adversário de Cerdan entra no corpo-a-corpo, e o francês não tem oportunidade de aplicar os seus tremendos golpes

de Cerdan, tanto como pelo seu estilo combatiivo, imensamente agradável e sujeito a peripécias imprevistas.

Depois desta vitória Cerdan deve voltar à Europa para combater o inglês Vince Hawkins, campeão das Ilhas Britânicas, que pretende o título europeu. Depois, ei-lo na América outra vez, onde o aguardarão Jake La Motta, ou outro de força equivalente, se os americanos quiserem pôr-lhe um obstáculo sério à sua ascensão até Tony Zale, o difícil dinamiteiro de Gary, que ostenta o dindem internacional.

R. B.

O jogo internacional

entre portugueses e ingleses

dará ao futebol lusitano verdadeira categoria

LONDRES, Dezembro de 1946.—Especial para «Stadium».

Pode confirmar-se, em absoluto, a ideia que fixámos sobre a selecção de Copenhague, nesta altura da nossa crítica em terras inglesas. Primeiro contra o Huddersfield e agora em frente do Sheffield Wednesday, um, último classificado da 1.ª Liga, e outro, dos menos bem classificados da 2.ª, não conseguiram os dinamarqueses impor-se a ponto de provocar o interesse dos britânicos.

A selecção de clubes de Copenhague, longe de ser, «verdadeiramente», a selecção da capital dinamarquesa, não obteve os favores do publico. Os ingleses favorecem por curiosidade, interessados, a princípio. Agora, por certo se deslocam por se tratar de «um desafio de futebol»...

Em Portugal, quando um jogo arrasta ao campo 40.000 pessoas — é muito bom. Jogo «internacional». Aqui, mesmo depois de se conhecer o valor dos jogadores de Dinamarca, não admira que os campos registem uma assistência maciça. E ainda se pode afirmar que o publico vai ver... por ir.

Entretanto, os de Copenhague não desagradaram por completo. Alguns dos seus componentes conseguiram despertar a atenção do publico, e em Inglaterra é isto alguma coisa. Se o João Azevedo, o Peyroteo, o Feliciano, o Araújo, o Francisco Ferreira ou o Rogério vierem a passar por Londres e aqui forem aplaudidos ou comentados, terão ganho «de facto» as suas esporas «internacionais».

Até se pode julgar, também, que, a efectuar-se o encontro Portugal-Inglaterra, entrou o nosso país no verdadeiro ambiente do futebol categorizado. Porque, — se os ingleses não conseguiram, depois da guerra, impor-se a alguns países? — poderá dizer-se. Ora — porque a Inglaterra sabe de futebol como a Espanha de toiros ou de pelota vasca, como os portugueses do amor e do fado ou os brasileiros do «Samba».

É tudo uma questão de «raças». O futebol, na Inglaterra, como as corridas de cavalos ou o «rugby», vivem no seu ambiente e por isso progredem. Pode haver crise em determinada altura. Pode aparecer uma ou outra derrota inesperada. Quando é preciso, o futebol inglês eleva-se, no estilo do Benfica, aí em Lisboa. Esta experiência com os dinamarqueses, mais uma, deu já os seus resultados, naturalmente. A equipa de Copenhague deixou a impressão que seria de aplicar a um grupo de estudantes em viagem de estudo.

Mas eles ainda não regressaram ao seu país. Pode lá saber-se o que sucederá num dia de boa disposição?

Rival de Lawton?

O avançado centro do Wolves, agora na vanguarda da 1.ª Liga, marcou 4 «goals» ao guarda-rede do Liverpool, no próprio campo do seu adversário! Esta terrível proeza de Westcott, que assim se chama o novo «ás», foi glosada em todos os tons pela imprensa inglesa, que não costuma ser prodiga em louvores.

De facto, Lawton gostaria de marcar, contra o Liverpool, e em jornada tão decisiva, os 4 tentos obdidos por Westcott, extraordinário de acerto nesse dia. No entanto, Tomny não deve recuar ainda o confronto. O avançado centro do Chelsea ganhará todas as eleições na Grã-Bretanha (repare-se que dizemos na Grã-Bretanha e não na Inglaterra).

O que será de apontar, neste caso, é a «diferença» entre o ataque do Wolverhampton e o do Chelsea. O primeiro é de uma rapidez inenarrável, lesto a dar jogo capaz de chegar às redes; o segundo joga tudo para Tommy Lawton, como o Sporting em tempos idos fazia para Peyroteo, e daí resulta que a marcação é mais cerrada sobre o melhor avançado centro de língua inglesa. Triunfa porque é bom, extraordinariamente bom.

Mas Westcott pode igualar Lawton, não haja dúvida. O avançado centro do Wolves, clube que já no último número apresentámos como «primeiro» da Liga, ganhou há semanas ambiente propício, por causa da maneira como se exibiu em Liverpool, — e assim costumam aparecer os grandes jogadores de Inglaterra... Aguardemos.

Sobre o Portugal-Inglaterra

Por avião recebemos uma carta de Lisboa, dizia: — «Indaga o que há sobre o Portugal-Inglaterra em futebol. Diz-se por cá que não deve realizar-se e é pena».

Descanse o meu correspondente e amigo. Não disseram os ingleses que jogariam em Lisboa contra a equipa lusitana? Não indicaram, mesmo, o nome de um árbitro francês? Então — teremos Portugal-Inglaterra. Nada mais. Quando os desportistas britânicos tomam uma responsabilidade, embora não falem dela, cumprem a promessa no dia marcado. Logo, prepare-se o Estádio Nacional para uma enchente. Esse campo, que os homens da «RAF» tanto elogiaram, verá grandes jogadores como Lawton, Carter, Matthews ou Finney, Mannion, Swift, Scott e outros.

E' preciso que os portugueses joguem. Mas que joguem esplendidamente. A actual equipa de

(Continua na página 19)

O 2.º LISBOA-PARIS

Opiniões e Comentários

Da Rui, Salva, Ben Barek, Guissard, Vaast e Aston, da equipa representativa da França, foram lembrados antes do jogo Lisboa-Paris. Após o encontro, o publico falava muito de Lozia, Scolari, Crosland, Nuevo, Bessoullé... Esquecera os primeiros.

O que significa isto?

Que o conjunto de Paris agradou bastante ao nosso publico, que mais uma vez encheu o magnifico Estádio Nacional, obra admirável do governo da Nação. Entretanto, como apontamento oportuno, pode recordar-se que a selecção se baseava no «esqueleto» do Red Star (9 jogadores), e que este grupo da capital da França se classificou apenas em 10.º lugar até à 20.ª jornada da Divisão Nacional, conquistando 19 pontos contra 30 do Roubaix, 1.º do Torneio.

Pergunta-se novamente: — o que significa isto?

Que a equipa representativa da França será melhor contra Portugal. Muito melhor, certamente. A classe do Roubaix, Reims, Estrasburgo, Lille e Cannes, tudo clubes não parisienses, superior segundo os mapas ao grupo mais bem classificado da capital da França (o Stad Français — 6.º lugar, 22 pontos contra 30 do 1.º) pode influir muitíssimo na formação da equipa de Senhor Barreau.

Logo, agradando como agradou ao publico o conjunto de Paris, o publico e à maior parte da critica, fácil será verificar que o futebol francês progride também bastante. Pela nossa parte, opinião pessoalíssima, claro, não acreditamos inteiramente na garantia de que a equipa A de Paris veio a Lisboa. Vejamos, de relance: — base do grupo — o Red Star, com 2 jogadores do Stad Français (Gregoire e Luciano), elementos vulgares. Suplentes — 2 do Stad e 1 do Racing (17.º classificado do Campeonato — 16 pontos contra 30). Ficou de fora, como base para outra selecção, o grupo do Stad Français, (6.º) e ainda possíveis bons elementos do Red Star.

Seria essa a equipa A de Paris?

Não continuaremos com estas divagações. Diga-se apenas que o grupo parisiense «não desagradou», mas que o futebol francês agradará muito mais, com certeza. Em 20 jornadas do seu campeonato, distanciar 5 grupos estranhos a Paris, quer dizer alguma coisa...

Das inevitáveis entrevistas, após o jogo, infere-se que uns e outros acharam justo o resultado. Aos parisienses, em maioria, agradava mais o empate. Os portugueses consideraram certa a vitória, e com toda a razão, em boa verdade. O trabalho dos lisboetas não foi excepcional, mas o suficiente para justificar a vitória.

Vejamos o que dizem:

TAVARES DA SILVA — seleccionador nacional

— A selecção de Lisboa indicou-me que o futebol português tem muitas possibilidades. Ganhou muito bem. Gostei do trabalho de Cardoso, Francisco Ferreira, Travassos e Peyroteo.

GUSTAVO TEIXEIRA — seleccionador lisboeta

— O grupo representativo de Lisboa triunfou justamente, e a selecção de Paris agradou-me.

ÁLVARO CARDOSO — capitão do grupo da A. F. L.

— Gostei do grupo parisiense, e a vitória do nosso conjunto esteve dentro das suas possibilidades. Não lhe parece?

Dos portugueses — todos o melhor possível. Nos franceses, parece-me Pons o de mais classe.

CARLOS CANUTO — árbitro do encontro

— A equipa de Lisboa não jogou extraordinariamente, mas não foi inferior. O grupo de Paris é bom e perdeu por um resultado que está certo.

Recebidas as opiniões dos seleccionadores nacional e lisboeta, do capitão da equipa e do árbitro, figuras centrais do desafio, passemos ao «campo francês».

VUILLEMIN — treinador parisiense

— A casa esquerda portuguesa jogou de molde a ferir a minha atenção. A equipa de Paris poderia ter jogado um pouco mais, acusando a deslocação.

BERSOULLÉ — capitão da equipa

— Uma arbitragem admirável, ambiente de primeira ordem e 45 minutos de bom jogo. Merecíamos, talvez, o empate.

GAUBERT — secretário geral da Liga de Paris

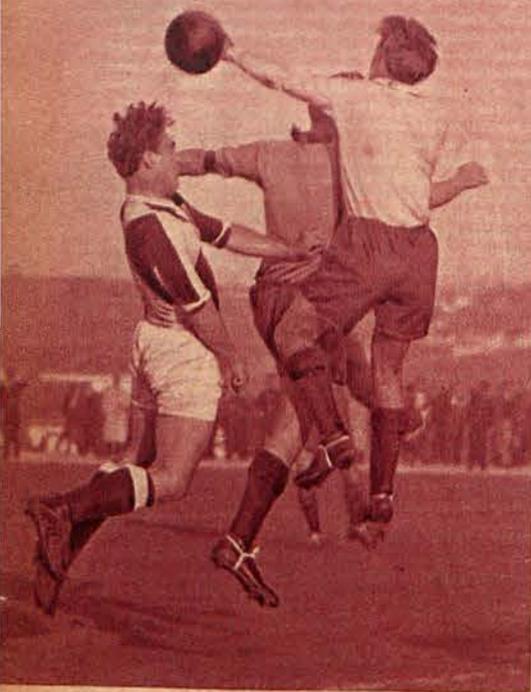
— O nosso grupo jogou como esperava. A equipa de Lisboa agradeu, mas não seria injusto se empatasse.

CROSLAND — guarda-redes da equipa de Paris

— Julgo que o nosso grupo agradou. Também gostei do conjunto português, especialmente da asa esquerda. O vosso Estádio é magnifico!

R. T.

VITÓRIA! Lisboa 3-Paris 2



Crosland, jogador sóbrio, executa uma defesa a coberto de um dos «backs». Veja-se a posição de Peyroteo, bem lançado, todo no ar, e disposto à luta!

A selecção de Lisboa que venceu a de Paris por 3-2 — No primeiro plano da esquerda para a direita: Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Rogério. No segundo plano: Moreira, Azevedo, Feliciano, Serafim, Ferreira e Cardoso. Os rapazes cumpriram o seu dever!

O Lisboa-Paris disputado no último domingo, no Estádio Nacional, com a assistência do venerando Chefe do Estado, e de cerca de cinquenta mil pessoas, deu mais uma vitória ao futebol português!

Sejam quais forem as considerações de ordem técnica, ou tática, e a maneira de ver de cada adepto, nada conseguirá destruir o

valor de um triunfo conquistado, merecidamente, em campo, pelo saber, energia e vontade dos nossos jogadores.

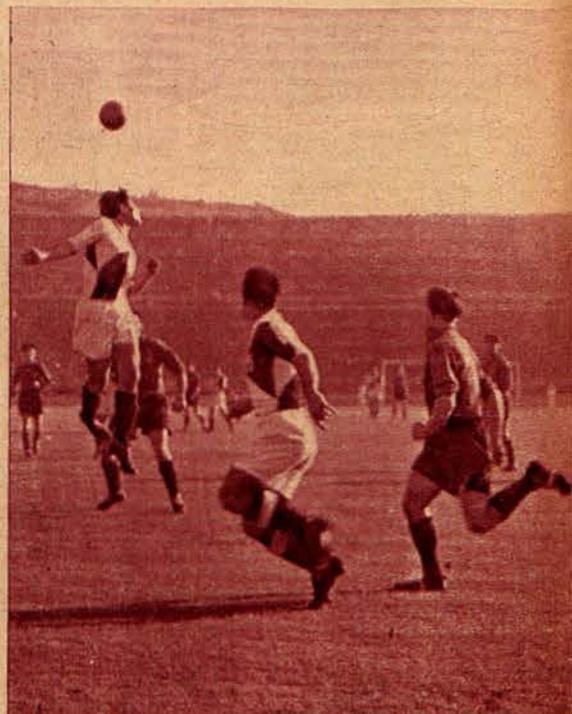
A selecção de Paris comportou-se galhardamente, atacou e defendeu-se com bravura e inteligência. Mas o grupo de Lisboa nunca se deu por vencido, subindo gradualmente da primeira para a segunda parte.

A partida forneceu fases curiosas, tanto de jogadas de conjunto como de rasgos pessoais. A lealdade da luta, nos dois lados, afirmou ainda educação desportiva. O futebol português segue vitoriosamente a sua esteira, e tudo indica que podemos aguardar serenamente os desafios internacionais que se seguem.

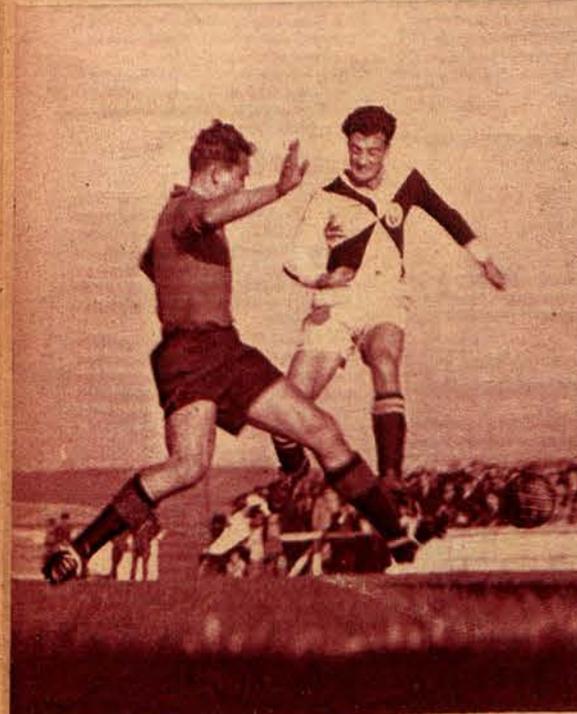
Peyroteo nunca fraquejou no ataque, perto das ballzas. Às vezes, quando menos se espera, a oportunidade surge!



A Selecção de Paris que, após uma exibição de mérito, saiu do campo vencida por três bolas a duas



Feliciano teve bons golpes de cabeça, no seu jacto característico. Ei-lo em actividade, cortando o jogo!



O defesa Mindonett não largou de vista, em todo o desafio, o extremo Rogério. O jogador português deixou-o, algumas vezes, pregado ao terreno



Rogério e Travassos, uma asa forte e de boa combinação, atacam. A defesa de Paris passa um momento de tormenta!



Xico Ferreira, um modelo de energia, recolhe um passe e prepara-se para dar seguimento ao lance

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO fora

BOXE

EM ESPANHA

Desembarcou em Madrid, ao que parece disposto a combater quaisquer adversários, o conhecido pugilista *Beni Levi*. Pelas declarações do jornal «*Marcas*», depreende-se que lutará a 21 ou 28 do corrente contra um «meio-médio» de primeira fila.

— Luis de Santiago, pupilo de Inácio Ara, confirmou a sua superioridade sobre Martin Alamo, outro peso «leve» que desanda para a categoria imediata, pondo-o fora de combate ao 3.º assalto. Santiago golpeia fortemente e, em proporção ao seu peso (59 kg.), não tem igual na Península.

No mesmo programa Martos (58 kg.) e Ciclone fizeram dez assaltos espetaculosos. A eficácia e o bom trabalho do primeiro, no corpo-a-corpo, superaram a rapidez e as esquivas do canário, pelo

45903

é o novo número de telefone da Revista STADIUM

45903

que a decisão do árbitro lhe foi atribuída ao fim dos dez assaltos previstos, embora a diferença de pontos tenha sido escassa.

— A 21 do corrente jogará em Madrid, para o título máximo, que está em poder de Paco Bueno, este jogador e o seu adversário costumaz, Fidel Anciniega.

NA SUÉCIA

Nils Andersson, o pugilista sueco que ontem à noite teve de combater em Harringay (Inglaterra) com Bruce Woodcock, ganhou a 8 deste mês uma vitória por pontos sobre Carl Nielssen, dinamarquês.

Andersson é um verdadeiro gigante. Pesa 95 quilos e mede 1^m,96 de estatura, mas não deve ter durado muito na frente do inglês.

EM FRANÇA

Kid Tunero, o magnífico «médio» cubano que Lisboa não viu combater quando subiu ao quadrângulo, na Praça de Algés, pôs fora de combate ao 4.º round o duro polaco-francês Pankowiak, recente adversário de Cerdan.

Também em Paris, na Sala Japy, Ray Famechon saiu vitorioso da luta que manteve com Posini, para o campeonato de França dos *semi-leves*, conquistando a decisão do árbitro.

NA BÉLGICA

Para a semi-final do campeonato europeu dos «leves» combateram, em Bruxelas, os titulares francês e belga desta categoria, Emilio Dieristo e José Preys. A luta pendeu sensivelmente a favor do primeiro — contra o que se esperava... — e no fim dos 15 assaltos previstos foi-lhe outorgada a vitória.

FUTEBOL

O Campeonato da Liga Inglesa

Depois da 18.ª ronda celebrada no dia 8 do corrente, a posição dos clubes dividiários começa a definir-se melhor, em particular na 1.ª Divisão.

Aqui, o *Wolverhampton* produziu a nota sensacional, batendo fora de casa, por 5-1, o vanguardista do torneio, *Liverpool*. Foi Denis Westcott, o mesmo que em 1939 conduziu o referido clube à beira de dupla vitória, na Taça e na Liga, quem materializou o triunfo, marcando 4 tentos. Assistiram ao desafio 52.512 espectadores, a maioria dos quais partidários do clube vencedor.

Manchester United, vitorioso do *Brentford* (4-1), em casa, aproveitou-se da derrota do *Blackpool*, pelo mesmo resultado, propinada pelo *Stoke City* para igualar a pontuação com este penúltimo clube. A classificação presente é a seguinte:

Wolverhampton (26 pts.), *Liverpool* (24), *Manchester U.* e *Blackpool* (23), *Stoke C.* (22).

O *Arsenal* e o *Huddersfield* continuam na cauda, com 11 pontos.

Na 2.ª Divisão, o *Newcastle*, com a preciosa ajuda de Ray Bentley, voltou a ganhar. *Plymouth Argyle* saiu vencido por 3-2, na presença de 45.000 pessoas. O *Birmingham* e o *Burnley* vitoriosos pelo mesmo score (3-0) sobre *Bury* e *Milwall*, respectivamente, mantêm-se ao lado do *leader*, totalizando, cada qual, 24 pontos.

Atrás, prontos a ascender, estão ainda o *Manchester City* e o *Chesterfield*. O primeiro ganhou ao *Newport* por 3-0 e o último ao *Tottenham Hotspurs* (4-3), fazendo-o descer ao 6.º lugar. Bom lucro para um *team* que custou 1.150 libras, apenas, a fabricar. Isto à custa do clube mais rico de toda a Inglaterra!

A maior surpresa do dia foi a derrota de *Bristol City*, um dos favoritos da 3.ª Divisão (Sul), aplicada pelo *Leyton Orient*, o último classificado, por 4 bolas a 1! *Cardiff* continua vencendo e vai à frente, com 29 pontos, seguido do *Queens Park Rangers* (27) e *Bristol C.* (25).

Doncaster Rovers, o vanguardista da 3.ª Divisão (Norte), sofreu um rude choque nos primeiros minutos da partida com *Lincoln*, encaixando 2 tentos.

No final, tinham batido 5 vezes o guarda-ncário e arrancado merecida vitória por 5-3. Seguem à frente da sua zona com 31 pon-

NOTA

O jogo do futebol tornou-se desporto pobre nalguns países europeus, onde foi rico e dominador antes da Guerra.

DA SEMANA

Não que o público se desinteressasse, dando origem a um forte aboamento de receitas nos desafios, mas pela actividade que o Estado se arroga na partilha dos benefícios.

SEMANA

A Hungria é um desses países. O tesouro húngaro, ávido por dinheiro, vai buscá-lo onde o houver e cinquenta por cento do produto financeiro arrecadado pelos clubes dá entrada nos cofres do Governo.

Juntamente com semelhante imposto, existem outras taxas, de carácter local. De tal maneira se exauriram as capacidades do futebol daquele país magiar, que um jogo onde vinte mil entradas forem pagas dá prejuízo...

Era este o quadro, verdadeiramente assustador, que no começo da época de 1946-47 a Federação teve de enfrentar. A única solução lógica e possível consistia no abandono do profissionalismo — organizando o campeonato nas bases do estatuto amador, visto as provas com este carácter estarem isentas de impostos.

O desfecho não podia contentar os futebolistas profissionais, mas a Federação e os clubes acharam maneira de resolver a dificuldade, sem cair sob a alçada da lei. Fixaram, aos praticantes, um subsídio alimentar calculado sobre o número de calorías indispensáveis à vida.

Assim, os jogadores da 1.ª Divisão do Campeonato Nacional recebem valores equivalentes a 15.000 calorías semanais, lraduzidas em pão, carne, açúcar, gorduras, etc. A laríia dos players da 2.ª Divisão é de 7.500 e da 3.ª regula por 5.000.

Os prémios também se calculam sobre a mesma base energética: por cada tento marcado, o «rei» dos chuladores, *Deak*, ou *Sarosi II* ou *Szuska*, recebem 5 quilos de batatas ou 2 de cenouras.

Esta prática, nos países ricos, já se executava mas de maneira inversa. Assim, na Argentina, e de acordo com as notícias dos jornais, por cada «falhanço» o jogador em causa leva uma boa dose de batatada, variável com o momento, capaz de o aquecer... a fundo. Os árbitros que apitam contra a opinião dos furiosos levam castanha a valer; a autoridade distribui, com frequência e gratuitamente, doses avultadas de peixe-espada, etc.

Outras terras, outros costumes — dirá o leitor, filosoficamente — mas oxalá não se estendam até nós!

R. B.

CICLISMO

Reginald Harris vencido por Plattner

Óscar Plattner, o velocipedista detentor do campeonato do Mundo, amador, de bicicleta, encontrou-se com alguns dos melhores europeus da especialidade durante uma competição efectuada em Zurique.

O seu rival mais perigoso foi o corredor inglês Reginald Harris, que derrotou Cornelino Bjster

tos. Em seguida vêm: *Chester* (29), *Rotherham United* (26), etc.

Fora destes campeonatos, as Universidades de *Oxford* e *Cambridge* jogaram entre si em Dulwich, saindo vencedora esta última por 3-2.

holandês, e Alex Schandorff, da Dinamarca, mas perdeu com o suíço por meia-roda de diferença.

O recorde de Fausto Coppi

A União Ciclista Internacional recusou-se a homologar como recorde do mundo da hora em bicicleta (sem auxiliares) a proeza que Fausto Coppi diz ter realizado na pista de Milão em 1941.

Nessa tentativa Coppi fez 45,871 quilómetros em 1 hora, mas o Conselho Técnico da U. C. I. assegura que as folhas da cronometragem estão erradas.

O proximo Congresso debaterá novamente o assunto, que toma um aspecto cheio de curiosidade.

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

II — Os 200 metros



Três atletas corredores de velocidade nos primeiros tempos do atletismo português: António Stromp, Armando Cortesão e Salazar Carreira

O relato mais pormenorizado que traçámos a propósito das corridas de velocidade pura, ao referir a actividade portuguesa nos 100 metros, abreva agora o capítulo em que vamos tratar da outra distância da mesma categoria, dispensando citar acontecimentos históricos, que seriam de inútil e fastidiosa repetição.

A corrida de 200 metros é, oficialmente, em Portugal, um ano mais jovem do que a sua irmã em velocidade pura.

A primeira prova da distância foi disputada nos Jogos Olímpicos Nacionais de 1911 e, a seu respeito, dizem «Os Sports Illustrados»:

«Foi uma das novas provas que os organizadores dos desportos atléticos meteram no programa e foi uma das mais renhidas e bem disputadas. As eliminatórias foram ganhas por Germano de Vasconcelos, António Stromp, Travessos Lopes e Benjamin Jardim. A final foi ganha por Germano de Vasconcelos, do S. L. B., seguido de António Stromp, do S. C. P., e Travessos Lopes do S. C. I. O tempo gasto foram 25,8 s. Foi talvez a melhor corrida e mais bem disputada. António Stromp, como fez na eliminatória, tomou a cabeça, mas na viragem, em vez de se conservar à corda, foi viajar, consentindo assim que Germano, que o seguiu de perto, tomasse a corda, apanhando um pouco de vantagem e que viesse a ganhar por vinte centímetros».

Como se verifica pela descrição, a prova foi disputada em linha, sem pistas individuais para os corredores, inovação que só dois anos mais tarde apareceu nos nossos concursos.

O melhor corredor da distância durante este período inicial do nosso atletismo, que vai até à interrupção imposta pela Grande Guerra, foi, sem dúvida, Armando Cortesão, cujos 23 s. conseguidos em 1913, ocupam ainda hoje o 13.º lugar na escala dos melhores resultados portugueses e podem ser considerados como a melhor marca nacional da época.

A par do valoroso corredor do Internacional, os nomes que figurem, entre 1912 e 1915, na tabela dos vencedores em 200 metros, são os de António Stromp, Alexandre Correla Leal e Salazar Carreira; Stromp e Cortesão desapareceram dos concursos em 1913, e os dois restantes, separados cada um em seu campo pela cisão S. P. E. F. N. — Federação, passaram a ganhar sem luta que os obrigasse a estabelecer tempos interressantes.

Para que se ajuize do espírito que reinava no meio do atletismo, nesses tempos de desavença, recortamos o seguinte trecho do «Jornal do Sports», de 4 de Julho de 1914: «No domingo, no Estádio, alguns atletas — felizmente poucos — recusaram-se à última hora, já vestidos para entrar nas provas, a descer à pista para tomar parte nos concursos em que se tinham inscrito. Averiguou-se depois ter sido isto devido à pressão sobre eles exercida por criaturas que se alcinham de obreiros desinteressados da causa do desporto nacional».

Suspense pouco depois — lógica consequência dos erros e rivalidades dos dirigentes — a

actividade dos organismos oficiais, o concurso do S. L. Benfica revela, em 1918, homens novos, pois os especialistas dos anos anteriores se batiam a esse tempo nos campos da Flandres ou nas pistas do Nllasso. Os 200 metros foram ganhos pelo corredor do «Cif», J. Perela Junior, em 24,2 s., precedendo na final o popular futebolista Alberto Augusto.

Retomando em 1922 o curso normal das competições oficiais, surge como primeira figura nas provas de velocidade o africano Gentil dos Santos, cujo melhor tempo ainda hoje perdura como recorde português, o mais velho dos que a lista contém; foi estabelecido na final do concurso organizado no Porto, em 1925, no campo do Ameal, pelo Clube Sportivo Nun'Alves, corrida esta cujos resultados surpreenderam toda a gente, pois os três classificados obliteraram tempos que nunca haviam aproximado, nem voltaram a aproximar. Com efeito, Gentil baixou o seu recorde de 23,2 s. para 22,2 s.; Karel Poll, que tinha o melhor tempo de 23,8 s., foi creditado em 22,8 s. e a Mário Duarte registaram os cronómetros 23 s., quando nunca havia conseguido menos de 24.

Limitamo-nos a assinalar o caso, na verdade estranho, sem emitir opinião pessoal; há, porém, quem afirme que houve engano na indicação do local da partida e os corredores largaram do limite anterior da zona de segunda passagem da esteleta 4x100 metros, tendo percorrido, se assim foi, apenas 190 metros.

Éis um mistério que ficará para sempre na história do atletismo português e que, legalmente, está resolvido pela homologação.

Em 1924 tivemos nova representação olímpica nos 200 metros (em 1912, em Estocolmo, António Stromp, finalizara em 4.º lugar na sua eliminatória); Gentil dos Santos, numa eliminatória pesadíssima, não foi mais feliz, classificando-se honrosamente em 3.º lugar, batido por Pedock e Abrahams (2.º e 4.º na final), mas precedendo o holandês Van Kempen e o espanhol Ordoñez.

No ano imediato não se organizarem os campeonatos regionais do Sul e os Nacionais, baptizados de Jogos de Preparação Olímpica, foram abertos a concorrentes estrangeiros residentes no país. Foi assim que Minnemann venceu os 200 metros, mas não se lhe conferiu o título por ser de nacionalidade alemã; Salcedo, o segundo na meta, correu apenas para efeitos de selecção para as Provas Internacionais, pois faltara à eliminatória, pelo que sucedeu o facto curioso de ser proclamado campeão de Portugal um homem, Oscar de Carvalho, outro futebolista de nome que entrou na meta em 3.º lugar.

Disputou-se neste ano o 1.º Espanha-Portugal, em Madrid, no mês de Outubro, quando a forma já fugira aos nossos corredores. Correram Salcedo e Karel Poll, terminando este terceiro em 24,6 s. É curioso notar que no Porto se haviam organizado umas provas de selecção, nas quais Mário Duarte conseguira 23,8 s. nos 200 metros, sem no entanto haver sido escolhido, como pareceria de justiça.

O acontecimento dominante do ano atlético seguinte, 1926, foi o 2.º Portugal-Espanha, disputado na pista do Lima, no qual os 200 metros foram ganhos pelo espanhol Ordoñez, que bateu, pela ordem, Severo Tiago (decididamente, os futebolistas de nomeada tiveram acentuada predilecção pela distância) em 23,4 s. e José Prata de Lima, em 24 segundos.

A actividade posterior não merece, em relato

sumo como este, largo enumerado, porque é de fácil verificação em documentos contemporâneos. Vamos, para concluir, registar primeiro os dez melhores resultados portugueses e, depois, a lista dos campeões nacionais.

22,2 s. — Gentil dos Santos (C. I. F.), 16-8-25 e José Sampaio Peixoto (A. F. C.), 1-7-45.

22,4 s. — Pedro de Vasconcelos (S. L. B.), 10-8-40.

22,5 s. — Fernando Ferreira (S. L. B.), 10-8-40; Evaristo Silva (S. C. P.), 24-8-41 e Fernando Lourenço (S. C. P.), 5-9-43.

22,6 s. — António Sarsfeld Rodrigues (3-7-32), e Mário Porto (7-7-35), ambos do Sport Clube do Porto.

22,8 s. — Karel Poll (N. A.), 16-8-25; Manuel Nuncio (S. C. P.) e Eugénio Eleutério (S. L. B.), ambos em 24-6-45.

Este enumerado demonstra, por um confronto fácil com os tempos dos mesmos corredores nos 100 metros, que os nossos especialistas nunca seguram preparação de intensidade conveniente para os 200 metros, obtendo tempo de equivalência muito inferior.

Lista dos campeões nacionais:

1911 — Germano de Vasconcelos (S. L. B.), 25,8 s.; 1912, António Stromp (S. C. P.), 25,2 s.; 1913, Armando Cortesão (C. I. F.), 23 s.; 1914, Salazar Carreira (S. C. P.), 25,6 s. e Correla Leal, 24 s.; 1915, Correla Leal (C. I. F.), 26 s.; 1922 23,2 s.; Gentil dos Santos (C. I. F.), 24,4 s.; 23,2 s. e 23,4 s.; 1925, Oscar de Carvalho (V. F. C.); 1926, Severo Tiago (C. F. B.), 24,8 s.; 1927, Gentil dos Santos (C. I. F.), 24,6 s.; 1928, Severo Tiago (C. F. B.), 23,6 s.; 1929, Adriano Pires (C. I. F.), 23,8 s.; 1930, Mário Porto (S. C. P.), 23,6 s.; 1931-32 33, António Sarsfeld (Sport), 23,4 s.; 22,6 s.; 23,8 s.; 1934-35 36, Mário Porto (Sport), 23,8 s.; 23,4 s. e 23,4 s.; 1937, Alves Pereira (S. C. P.), 23,3 s.; 1938, Neves de Carvalho (S. C. P.), 23,4 s.; 1939, Glória Alves (S. L. B.), 23,6 s.; 1940, Pedro de Vasconcelos (S. L. B.), 22,4 s.; 1941, Evaristo Silva (S. C. P.), 23,5 s.; 1942, Manuel Reposo (S. L. B.), 23,2 s.; 1943, Fernando Lourenço (S. C. P.), 22,5 s.; 1944-46, Sampaio Peixoto (A. F. C.), 22,7 s. e 22,6 s.; 1945, Manuel Nuncio (S. C. P.), 22,8 segundos.

Resumo: Sporting e Internacional, 8 vitórias; Sport Clube do Porto, 6 vitórias; Benfica, 4 vitórias; Académico e Belenenses, 2 vitórias; Villanovense, 1 vitória.

Salazar Carreira

Mário Porto, dos melhores corredores portugueses de velocidade, numa chegada de impressionante dinamismo





Alberto Augusto

AS "BODAS de PRATA" da SELECÇÃO NACIONAL de futebol

A *fúria espanhola* revolucionou o futebol da Europa!

Já em 1921, o Benfica deslocara-se para Barcelona e jogando contra o F. C. Barcelona, ao tempo campeão de Espanha, fizera magnífica exibição.

No entanto, quando a União Portuguesa de Futebol concertou o jogo com a sua congénere espanhola, houve um movimento de surpresa. Para estreia — o adversário parecia forte de mais... Os nomes de Zamora, Meana, Balbino, Sesunaga, Alcantara, Samitier e outros vinham até nós aureolados da maior fama. Zamora era o *rei dos guarda-rédes*, Samitier «*el mago de la pelota*», e Alcantara não tinha «apelido» mas se Lançara foi o «*tiro eléctrico*» e Gorostiza «*la bala roja*» Alcantara deveria ser — o «*tiro atómico*»...

O certo é que o público português viu, apreensivo, partir para Madrid a selecção nacional.

Os jogadores, porém, confiavam no seu próprio valor. Os nomes famosos dos espanhóis despertavam-lhe mais curiosidade que temor. E eles seguiam, talvez um pouco à aventura, à conquista de um «*lugar ao sol*» no futebol internacional...

Antes da abalada o meio português movimentou-se extraordinariamente. Havia discussões acaloradas, em todos os pontos de cavaco, acerca da forma como o «*team*» fôra constituído. E o lugar de médio centro era o mais debatido. Os seleccionadores trabalhavam num ambiente de algum modo apaixonado, pouco propício. A ceulama atingiu o auge quando, para médio centro, foi escolhido, na própria véspera do desafio, o benfiquista Victor Gonçalves!

Fez-se contra ele, lê-se no n.º 1 da publicação «*os nossos ases do futebol*», «*uma estranha campanha, nos cafés, nos jornais, em toda a parte enfim onde o futebol era ponto de discussão*».

Os restantes jogadores tinham já seguido para a capital de Espanha. E Victor Gonçalves partiu, de comboio, na manhã de sábado — para jogar no dia seguinte! Chegou a Madrid cinco horas antes do encontro — com vinte e quatro de viagem!

Receava-se, naturalmente, que a fadiga lhe diminuísse as faculdades. Mas Victor Gonçalves, nesse dia, foi bem um português digno dos nossos antepassados — e jogou colossalmente, mostrando-se o melhor homem em campo!

O resultado foi de 3-1 a favor de Espanha. O triunfo espanhol revestiu-se da maior naturalidade. Mas a estreia de Portugal fôra felicíssima. «*Nuestros hermanos*» suaram um bocado e no final do jogo o cansaço apoderara-se deles. A «*fúria espanhola*» tremeu ante a «*alma portuguesa*», a «*genica*» dos nossos rapazes. E a coisa tomou tal aspecto que veio a ficar célebre uma frase de Ribeiro dos Reis:

Carreguem, rapazes, que eles não podem com uma gata pelo rabo!...

Por Espanha jogaram: Zamora, Pololo e Arrate; Balbino, Meana e Fajardo; Pagaza, Arbide, Sesunaga, Alcantara e Olaso.

E por Portugal: Carlos Guimarães, António Pinho e Jorge Vieira; João Francisco, Victor Gonçalves e Cândido de Oliveira; José Maria Gralha, António Lopes, Ribeiro dos Reis, Artur Augusto e Alberto Augusto.

O árbitro foi o suíço Barette.

Alcantara, por duas vezes, e Meana marcaram os golos de Espanha. Alberto Augusto o de Portugal — numa grande penalidade...

O golo do nosso «*Batatinha*» fez arrelhar Zamora. Alberto torceu o corpo, enganando o «*rei de los guarda-metas*», que viu a bola entrar pelo lado oposto a aquele para onde se lançou. A noite em conversa, Zamora dizia para o português,



João Francisco

«*pisando-lhe um olho*»: — Eganaste-me bem, maroto!...

Mais que o resultado, a exibição dos portugueses foi animadora. Guimarães, que seguira preparação intensa — na qual colaborou Victor Silva, então um garoto que frequentava o antigo e sacrificado campo de Sete-Rios — Pinho e Jorge fizeram maravilhas. Jorge foi considerado pela crítica espanhola como um dos melhores defesas da Europa!

Na linha média Victor Gonçalves foi estupendo, chegando a dominar o famoso Meana, talvez o maior médio centro que a Espanha tem possuído, e Cândido de Oliveira, o capitão do «*team*», fez também exibição de vulto. Só o jovem João Francisco, impressionado demastadamente com a presença de Paulino Alcantara, não atingiu a craveira habitual.

E, no ataque, a rapidez de Gralha, o domínio de bola de António Lopes e Alberto Augusto, a precisão de passes de Artur Augusto, e a corrida de Ribeiro dos Reis deram trabalho à defesa de Espanha, onde o gigantezco Mariano Arrate era uma barreira quase intransponível...

O futebol português deixou em Espanha a melhor impressão.

Volvidos vinte e cinco anos sobre a data memorável da estreia de Portugal em jogos internacionais, saudemos os jogadores que então representam o nosso país.

E façamos um voto: que Portugal possa, no próximo ano, conseguir o que até agora tem sido impossível — vencer a Espanha!

MANUEL MOTA



Ribeiro dos Reis



António Pinho



Carlos Guimarães



Cândido de Oliveira



O NOSSO GRUPO DE AMSTERDÃO A JOGAR COMO NO SEU TEMPO

poderia impor-se agora a uma Seleção de Portugal?

PODEREMOS dizer altamente que o «futebol de hoje» é superior ao «futebol de ontem»? Em nossa opinião, digamo-lo desde já e com toda a franqueza, não há dúvida possível, embora simpático número de adeptos do velho futebol se mostre recalcitrante e insista em proclamar o contrário.

Sempre que nos é facultado abordar o problema, conversando com os homens de outras épocas, só eles com autoridade para emitir opinião, evidentemente, não deixamos de por o assunto em pé de ser discutido. Ainda há bem pouco tempo, tendo-nos visitado Jorge Vieira, quando estávamos na Casa de S. João de Benfica, pudemos condizir as nossas falas para este campo, onde o «grande Jorge» vivea e vive, e onde é ornamento de primeiro plano. E como não podia deixar de ser, veio à baila o *team* de Amsterdão, de que foi capitão...

Na verdade, aquele *team* de Amsterdão toma um lugar à parte, distinto, e, por via dele, ligando-se-lhe jogadores que o acompanham, alguns dos melhores grupos dessa época: Sporting, Belenenses, Benfica, F. C. do Porto, e Vitória de Setúbal...

O lote Roquete, Carlos Alves, Jorge Vieira, Raul Figueiredo, Augusto Silva, César Matos, Valdemar Mata, José Manuel Soares, Vítor Silva, Armando Martins, José Manuel Martins e João dos Santos, todos com a honra de envergarem a camisola olímpica, tem-se recordado variadíssimas vezes, e ainda há uns anos o moço Ribeiro dos Reis, após um inquérito que também teve a nossa opinião, pôde ver que os foram buscar para a sua equipa dos onze melhores de de todos os tempos. Claro que Artur José Pereira, Artur Augusto (para nós um homem extraordinário), Artur de Sousa, João Azevedo, Alberto Augusto e Adolfo Mourão, encaixados em tão valiosa equipa (como o Rogério de hoje), valorizariam o quadro sem temor dos técnicos.

Nas esta recordações parece-nos insuficiente. Bons jogadores teve o futebol de há anos, é bem certo, e muito agrada lembrar sempre os seus nomes, principalmente a quem os via fazer coisas admiráveis. Bastinhos, o pequeno «Zé Mario», era um elástico; António Pinho, uma barreira construída em ferro; Francisco Stromp, um homem que não virava a cara a ninguém, como Velez Carneiro, seu adversário tradicional e ambos falecidos em condições dramáticas; Balbino da Silva, lutava como poucos; Acácio Mesquita era um cerebral; Joaquim Ferreira jogava «quando queria»; Oscar de Carvalho só não chegou a Internacional efectivo por culpa de Jorge Vieira; Casoto, Francisco Vieira, Ernesto Viegas, Reis e Soares dos Reis formaram um belo grupo de guarda-redes (devemos esquecer Siska?); os Irmãos Rios, espontâneos, eram sempre perigosos para qualquer defesa; Jaime Gonçalves impanha-se, autêntica «metralhadora», como Tavares Bastos. E por aí fora, sem deixar de balir nas teias de aranha do passado...

Evolucionou, porém, o futebol. Se hoje colocássemos o *team* de Amsterdão a jogar contra a melhor selecção portuguesa, brilharia como na sua época? Eis o problema, que tem sido difícil de resolver... Quem via o futebol dessa época, acha-o mais fácil, mais artístico. E considera que, sendo uma «arte», um processo de passar do que é «difícil» para o que «nada custa», não ficam dúvidas sobre a sua eficiência. Certo. Se os adversários dessa época, porém, jogassem no estilo de hoje, — desapareceria a «facilidade», a eficiência.

O que se pretendeu, ao estudar a maneira de combater o sentido prático de qualquer equipa? Evitar que marcassem, eliminando-lhe a arte. De processo em processo pôde chegar-se ao sistema actual. E agora poderá dizer-se: «a nossa vista regalava-se com o antigo jogo. Havia verdadeiro conjunto, aquilo que os ingleses, seus inventores, chamam «association». Hoje, tudo é duro».

O espaço não chega para deducções largas e merecidas, e coleções distintos se pronunciaram já nos dois sentidos. A «questão» nunca é velha, e dela se falará ainda por muito tempo. Ora, assente

o princípio, que não queremos abandonar, do «bom gosto», opõe-se-lhe a certeza de haver «emoção» declarada e insofismável do futebol actual.

Ainda há pouco, no campo do Benfica, no último jogo do campeonato de Lisboa, se via o público agarrado ao lugar, vibrante, rabdo de entusiasmo e de afeição pelo desafio — até ao último apito de Carlos Canato. E dizem-nos que acontecia assim, há dias, no Belenenses-Sporting. E assim em vários jogos regulados pelo sistema corrente...

E' preciso ser atleta, atingir a perfeição a dominar a bola, a rematar, a ser ginasta e correr 100 metros no tempo de um «sprinter» para ser enquadrado neste plano de jogo. E' preciso ter «caixa» para muitos minutos. E vá lá o que não queremos dizer: — sem capacidade cerebral, pelo menos mediana, é impossível a um homem que jogue futebol, neste altura, dominar as dificuldades que encontra pela frente. Logo, transpor o que é «difícil», vale bem uma «arte». E então, executado com saber, alegria, emoção, terá o sabor daquilo que «nada custa»...

Mas não queremos ficar muito tempo a conversar sobre isto com os leitores. Tão somente se pretendia prestar homenagem ao esforço de belos valores do passado. Três grupos que temos à mão, e onde se vêem, entre outros, no Sporting: — Jorge Vieira, Martinho de Oliveira, José Manuel, Felipe dos Santos, Cervantes, dr. Abrantes Mendes, José Leandro, Correia (Abelhinha), Cipriano e Serra e Moura; no Belenenses: — Assis, Augusto Silva, Almeida, José Luis, Pepe, Alfredo Ramos, César de Matos, e Azevedo; no F. C. do Porto: — Siska, Flávio, Avelino Martins (Luis Retamba — suplente a guarda-redes), Roise, Valdemar, Coelho da Costa, Sequeira, Simplicio, Hall, Acácio Mesquita, Alvaro Pereira, Armando e Alexandre Cal (treinador) — servem-nos para o efeito. Todos, aliás, têm contribuído admiravelmente para a expansão e progresso do futebol português, este jogo admirável que seduz antigos e modernos, dando-nos sempre ocasião para o discutir e louvar. E aqui está até onde nos levou a obrigação de escrever a legenda de três gravuras...

Rodrigues Teles





Miguel Najdorf defronte os melhores xadrezistas portugueses, na Sociedade de Geografia, causando a mais forte das impressões em todos os entendidos!

UM GENIO DO XADREZ EM PORTUGAL

O homem que, na pretérita semana, defrontou alguns dos melhores xadrezistas portugueses, é, na realidade, um grande mestre. Chama-se Miguel Najdorf.

A sua classe, que, neste género de exhibições, brilha com fulgorância inextinguível, é simplesmente espantosa. É de facto o jogador mais extraordinário da actualidade.

O seu jogo sobjoga quem se defrontou com ele, maravilhando todos aqueles que o viram jogar. Miguel Najdorf mostrou aos xadrezistas portugueses uma técnica que só conhecíamos pela transcrição de partidas dos grandes mestres internacionais, mas que, para nós, perdiam metade do seu valor, porque lhes faltava o espírito de competição, o palpitar do momento em que a luta se trava entre dois cérebros gigantes.

Um após outro, os «reis» dos xadrezistas nacionais foram tombando, como que esilhados no jogo envolvente e inexorável do mestre.

Nem Alekhine conseguia marcar tal impressão no espírito dos seus adversários. É que Najdorf está de posse da plenitude dos seus recursos — em grande forma, como se diz em linguagem do desporto.

É o xadrez é um desporto — um desporto intelectual. Exige nervos de aço e resistência física, quase tanta como nos desportos atléticos.

E Najdorf possui tudo isso — e mais uma capacidade de cálculo admirável, uma memória prodigiosa e uma visão de tabuleiro que não deve ser possível superar.

Quem, como Najdorf, será capaz de jogar 40 partidas de xadrez com os olhos vendados?

Ninguém, muito provavelmente. O próprio Alekhine admirou a extraordinária façanha, adivinhando no seu autor o homem que iria revolucionar o xadrez após-guerra.

A cotação de Miguel Najdorf no «firmamento» escaquístico mundial, até 1939, era pouco mais de que insignificante.

O desencadear da grande conflagração apanhou-o em Buenos-Aires, integrado na equipa da Polónia, que, juntamente com mais 27 equipas, disputava o Campeonato das Nações.

Najdorf jogou no segundo tabuleiro, tendo

defrontado Landin e Foltys, entre outros. Obteve o 1.º lugar das classificações individuais do seu tabuleiro, com a percentagem de 75%. A equipa da Polónia classificou-se em 2.º lugar, empatando com a equipa alemã, vencedora do Campeonato.

Najdorf não voltou mais à sua pátria. Miguel Najdorf, que perdeu a sua lamilla na loqueira atendida pelos nazis, reorganizou a sua vida na Argentina, como muitos outros mestres famosos, entre os quais o austríaco Eliskaes, que foi campeão da Alemanha, e o saeco Stahlberg.

O Torneo de Mar del Plata, que todos os anos se realiza no famoso centro turístico, é a mais importante prova de xadrez da América Latina.

Miguel Najdorf triunfou cinco vezes consecutivas nesta magna competição do xadrez Sul-Americano!

Em Agosto deste ano, Miguel Najdorf voltou à Europa. Chamaram-no de Groningen, para participar no mais sensacional torneio de xadrez de todos eles.

Najdorf defrontou jogadores de grande classe, com que não estava acostumado a competir.

Mesmo assim, perdeu apenas 2 partidas (contra o saeco Landin e o checo Kottnauer), empatou numerosas partidas e bateu o vencedor, o russo Botwinnik.

Seguidamente, disputou os torneios internacionais de Praga e de Barcelona, obtendo estrondosas vitórias em ambos os torneios.

A caminho de Buenos Aires, onde vai tentar o seu próprio recorde de partidas «às cegas», jogando uma «simultânea» de 45 tabuleiros, Najdorf visitou Lisboa, acompanhado pelo seu colega Guimard, que também participou nos Torneios de Groningen e de Barcelona.

As suas actuações contra os xadrezistas portugueses são já do domínio público.

Ambos devem ter ficado com uma impressão bem pouco lisonjeira dos nossos jogadores, tal foi a resistência oposta. Felizmente que essa impressão não deve corresponder de todo à realidade.

Os nossos xadrezistas jogaram incrivelmente mal, é certo.

Ao desinteresse patenteado pela maioria dos nossos «mestres» nos últimos tempos, deve-se o actual nível do xadrez lisboeta.

É pena. O contraste foi assim maior — e dele não poderá advir o melhor estímulo.

Tivemos oportunidade de abordar o grande mestre, num pequeno intervalo da partida contra-relógio que jogou com os xadrezistas portugueses, em consulta, e solicitar-lhe uma entrevista-relâmpago.

Foi o torneio de Groningen que elevou Najdorf à categoria dos Grandes Mestres.

Najdorf classificou-se em 4.º lugar, com igual número de pontos que o campeão húngaro.

Teria ficado satisfeito com a sua actuação nessa grande prova dos «ases» do xadrez da actualidade?

— Sim... e não! — respondeu-nos. — Foi um torneio muito duro. Creio que podia ter feito melhor, pois devia ganhar a Tartakower, Bernstein e a Smyslov.

— É que pensa do vencedor Botwinnik?

— Neste momento, deve ser o jogador mais forte do mundo!

Curiosa esta opinião do homem que venceu o próprio Botwinnik!... Mais curiosa ainda porque Najdorf, nas vésperas do encontro, apostava 100 «florins» em como bateria o campeão soviético!!

Desjámos saber depois a opinião do genial xadrezista sobre os nossos vizinhos espanhóis.

— Têm melhorado muito, e actualmente joga-se muito bem o xadrez em Espanha. Mas — atalhoa — não nos metem medo!!

Concluímos que Najdorf não vê, como nós, o resultado certo no recente match Espanha-Argentina, que, como se sabe, terminou com a vitória dos espanhóis por 8-7.

Quisemos não importunar mais o famoso xadrezista. Fizemos a ditima pergunta, que proporcionou uma desassomburada resposta, que muito nos aprez transmitir aos nossos leitores xadrezistas:

— Quais os torneios em que projecta participar?

— O Campeonato do Mundo... e hei-de ganhá-lo!

Vasco C. Santos

Stadium



O Estádio Nacional, no Vale do Jamôr, oferece aos olhos maravilhados da assistência vastas perspectivas de beleza e colorido! O estádio, cheio, só por si, constitui um espectáculo de inusitada animação. Nesta imagem, o ataque de Lisboa está em actividade, e a defesa de Paris procura cortar-lhe o vbo...



O médio Pons, de cabeça, intercepta uma jogada. Peyroteo, como todo o avançado atento, aguarda a deixa



Mais uma defesa de Crosland, depois da bola ter passado pelo crivo da defesa!



Um salto vigoroso do avançado-centro nacional! A' primeira vista, há a impressão de que o guarda-redes de Paris não se lançou lá muito bem...



Vasques perseguiu a bola mas não conseguiu captá-la. O guarda-redes realizou facilmente a defesa

O Porto-Estoril

ou Comentários a propósito de uma classificação que mete medo...

Um crítico lisboeta muito distinto (Renato de Castro se lê no fim do seu trabalho, sempre tão ordenado e inteligente, de surpreender alguns por não habitar este nome no íntimo do grande público)—um crítico muito distinto, dizíamos, referiu-se ao F. C. Porto do jogo contra o Estoril nos seguintes termos:

«Quebrou-se o encanto ao Estoril! Dos seus encontros com o F. C. Porto, averbado, agora, a primeira derrota!

«A grande virtude do futebol está em não assegurar sempre felicidade! Não aceita assinalaturas... E' o que tem de suceder à equipa de Espanha, nos seus desfeitos contra Portugal...

«A primeira perda do Estoril, no que dizem, foi porém tocada de infelicidade. O golo de desempate veio a sair dum lançamento de bola feito por um jogador da sua equipa! Futebol, claro...

«Este «slaps» serviu, no entanto, para assegurar ao F. C. Porto uma posição de evidência—a de três vitórias em três jogos, de que nenhuma equipa se pode gabar. Os campeões em gestação serrem-se destas pequenas coisas... Mas, às vezes, sucede que são coisas semelhantes que lhes estragam a carreira...»

Vamos pegar nas últimas palavras do trabalho imparcial do excelente crítico, que os portuenses têm nolado com simpatia: «Os campeões em gestação serrem-se destas pequenas coisas... Mas, às vezes, sucede que são coisas semelhantes que lhes estragam a carreira...»

Exactamente. O F. C. Porto tanto pode servir-se de três vitórias consecutivas para «bater o pé» com entusiasmo, continuando-as à custa de muita vontade, como ser alvo de «todos os ataques» e não saber resistir. Ao contrário do que pode julgar-se, o F. C. Porto principiou o campeonato decidido a vencer o seu primeiro adversário, que foi o Sport Lisboa e Benfica. Ganhar ao segundo, Belenenses, no seu próprio campo da Capital, já sucedeu... E vencer o Estoril, era esperado, embora sem as dificuldades que apareceram tanto ao de cima.

Colocado com 3 jogos e 3 vitórias, mais rapidamente do que esperava, lembra-se com certeza

do despique dos ciclistas da Volta—que fugiam da «Camisola amarela» como o diabo da cruz, só a desejando na «embaagem final...» Erro. Candeia que vai à frente...

Na verdade, é de presumir que os grupos lutem todos contra os da vanguarda. Interessam os que vão no melhor posto. E estes, principalmente quando falta ainda «qualquer coisa», podem entregar-se demasiadamente ao sentirem a queda de umas aspirações que já começavam a criar certo vulto...

Sucede, por isso, que «são coisas semelhantes...», etc., etc., como diz Renato de Castro, que influem no comportamento das equipas na posição do F. C. Porto. Claro que os seus amigos aguardam, pelo menos, força de ânimo capaz de resistir a todos os «assaltos» venham de onde vierem e seja qual for o campo escolhido para seu «teatro». Mas será muito difícil...

O grupo do F. C. Porto (demonstrou-o novamente contra o Estoril) não tem ainda o poder necessário. E' certo que a equipa sabe colocar-se, tem sentido de jogo e caixa para 90 minutos movimentados. Falta, porém, nos extremos, a certeza de re-

mate que os elevou noutros tempos. Um interior, sem ser mau elemento, ainda foge à velocidade. E na defesa nem sempre o que joga à direita acompanha o encarregado de «marcar» o centro-avançado contrário. Nas redes—tudo bem. Valongo ou Barrigana, devendo esperar-se que este confirme perante lisboetas a sua exibição de Belém, não vá julgar-se mal dos aplausos da crítica ao seu trabalho certo de toda a época.

Voltando aos motivos deste comentário ao grupo que por ora (até domingo, pelo menos) comanda a classificação, socorremo-nos igualmente do título encontrado pelo competente Renato de Castro: «Ganhar e perder toca a todos—eis o futebol, que é um jogo». Pois evidentemente. Abandonem os portuenses do F. C. Porto o receio que os atinge ao dizerem: «... o pior vai ser agora!»

Temos a impressão, por exemplo, que o conjunto portuense se perturba demasiadamente com o Estoril Praia, só por isto: por o Benfica haver perdido no domingo anterior por 6-3—resultado expressivo, bonito... Nisto a equipa demonstra certa ausência de qualidades e de «fundo» para ganhar.

Não vemos motivos para que tal aconteça. Todos os jogos são fáceis... e difíceis. Deve ser esse o pensamento geral, ao entrar no campo, do primeiro até o último minuto, —e que o mapa de classificação não pese tanto aos encarregados de jogar com o seu melhor brio, seja qual for o grupo adversário...

Mosaicos nortenhos...

CONFIRMAM-SE algumas notícias que a nossa Revista deu em primeira mão. A de Gomes de Costa, por exemplo. O simpático jogador já começou os seus treinos e deve reaparecer brevemente na equipa de honra do F. C. Porto.

♦ VERDADEIRA emoção sentiram os assistentes que foram ao Lima há dois domingos. Durante o jogo Porto-Estoril Prola «sofreram» todos o mais possível—até o último minuto! O Estoril ameaçou sempre, terrivelmente, e quando Correia Dias, nas derradeiras jogadas, obteve o lento da vitória —o «desabafo» foi coisa séria...

O F. C. Porto jogou o pior possível, e só nos últimos momentos conseguiu «salvar-se» de áspera crítica. Coisas que acontecem.

♦ TUDO se errou no andebol. Os clubes inscreveram-se, convenientemente, pela sua ordem, e já se fizeram os sorteios regulamentares.

Escrevemos estes «mosaicos» antes de domingo, e não sabemos ainda o que se lerá passado quanto ao campeonato regional, anunciado para esse dia. Seja como for, parece que tudo está em ordem, no andebol portuense —e menos que os antigos gerentes ainda não hajam dado as chaves da Associação a quem de direito...

♦ VISTO que falamos de andebol, anote-se a boa figura dos «Ferroviários», que venceram o Vigoroso, para encerramento do Torneio de Abertura. O grupo das Cavadas apresentou-se desfechado, é certo. Mas a maneira «limpa» como triunfaram os seus adversários merece sempre o aplauso da crítica.

♦ UM apaixonado da pesca pede-nos para dizer que o F. C. Porto já há anos pratica este desporto, possuindo equipas femininas e masculinas, as quais conquistaram várias Taças. De facto, lemos numa entrevista que o Benfica seria

Os portuenses que foram ao Estádio do Lima assistir ao jogo Académico-Vianense e F. C. do Porto-Oriental saíram desolados com a falta de brio que o campeão revelou durante os 90 minutos do seu encontro contra os lisboetas!

E de tal modo denunciou a assistência o seu aborrecimento, que despediu a equipa da casa com grande concerto de assobios, aplaudindo, em contra-partida, e merecidamente, a equipa do simpático Oriental.

O jogo foi vulgar, e apenas o conjunto lisboeta procurou corresponder briosamente, lutando o melhor possível pela vitória, que veio a pertencer-lhe por margem que surpreendeu bastante: —6-1. Mas não foi injusto o resultado. Os aplausos que o público portuense tributou ao Oriental, recebido com certa curiosidade e simpatia — foram bem justos.

Já o comportamento do F. C. do Porto merece áspers comentários. Ainda se não vira, esta época e mesmo em algumas precedentes, tanta ausência de valor e vontade. Grave pode ser para o clube, sem culpa de ter sido tão mal representado, esta jornada. Os direitos do público não foram respeitados, e a muitos espectadores pareceu insólita, desprestigiante, a maneira como os serviu a equipa do F. C. do Porto.

Não seámos ainda da opinião já aqui exposta quando analisámos o trabalho de cada grupo concorrente ao torneio regional: —O F. C. P. possui um grupo que não corresponderá aos desejos do «seu público» — que no domingo desprezou.

Junte-se agora a uma equipa irregular, mas que pode vir a ser boa, evidentemente, a falta de vontade, brio, —e teremos o conjunto que perdeu 6-1 com o Oriental...

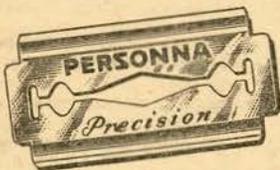
Perfencerá ao treinador, que sabe de seu ofício e tem autoridade, como à direcção do clube, sempre decidida, disciplinadora e dedicada, rever «este caso» de domingo. Dou a quem doer. Jogador que não estiver disposto a cumprir com a sua obrigação — só tem um caminho: — ir-se embora, deixando o lugar a outro. Repre-se que não apontamos nomes. Todos são responsáveis, não pela derrota, que isso é de pouca monta, mas sim pelo espectáculo nada dignificante que nos foi oferecido. O público do Porto não lho merecia.

o primeiro grande clube a introduzir esta modalidade no gólio público. Não é assim. Não sabemos se mais clubes se dedicam a este desporto. O F. C. Porto, é verdade, já organizou a secção há muito tempo, tendo conquistado óptimos prémios.

♦ O ORIENTAL foi convidado pelo F. C. P. a exhibir-se nesta cidade, e os desportistas portuenses gostaram da altitude dos seus campeões. No Porto foi visto com muita simpatia a criação do novel agrupamento lisboeta, produto de uma oportuna fusão, e o seu trabalho no torneio regional, com vitória sobre o Belenenses, não deixou de ser apreciado.



TAL COMO A LÂMINA
PERSONNA



NO MOMENTO
DE SE BARBEAR

Porque de facto PERSONNA far-lhe-á uma barba com o esmero de um grande barbeiro. Num instante! Por ser feita com grande precisão e dotada de fio côncavo e flexível, afiada a óleo, assentada no couro e à prova de oxidação... Para maior duração... é grata surpresa dos que a usam.

Distribuidores:

José Antunes d'Oliveira, Herd.^{ca}
Rua dos Figueiros, 346-1.^o
Lisboa



Stadium
Telefone 45903

Stadium

ANDEBOL

A taça Dr. Teotónio Pereira

foi para o SPORTING

O andebol teve no domingo as honras de ser recebido pela primeira vez no relvado do Estádio Nacional, onde o jogo final do torneio dotado com o valioso troféu «Taça Dr. Pedro Teotónio Pereira» servia de abertura à jornada desportiva de futebol internacional. Foram adversários o Sporting e o Belenenses, dois grupos com tradições na modalidade, e o resultado foi favorável aos «leões» pela marca de 4-1, com empate a uma bola no primeiro meio-tempo.

Os adversários empenharam na luta todo o entusiasmo e a melhor boa vontade, mas não conseguiram dar brilho à exibição e a classe de jogo não passou da mediocridade; o Sporting jogou pouco e o Belenenses menos ainda.

Os sportinguistas deram a impressão de estar pouco à vontade na relva, caindo com frequência e retardando o ritmo das jogadas; na linha avançada, o interior Vicente, que é o mais eficaz rematador, prejudicou-se e prejudicou o seguimento de muitos ataques bem delineados, com a preocupação de receber e dominar a bola apenas com a mão direita.

As grapo belenense há que verberar a exagerada dureza do bloco defensivo, com maiores censuras por Natividade, que sobre os recursos por vezes esquivos com toda a série de entradas à margem da lei. O processo é tanto mais condenável quanto em verdade nem à própria equipa aproveita: dois dos pontos conseguidos pelos «verdebrancos» provieram indirectamente de livres de castigo junto à área e o árbitro descalpou aos

«cazais» das autênticas grandes penalidades, localizando, no exterior da linha limite da área, duas faltas que haviam sido cometidas muito no interior.

Fora deste particular, o encontro decorreu normalmente e agradou ao público, o que era talvez o principal objectivo da exibição.

Ficou demonstrado que as duas modalidades são perfeitamente aliáveis e oxalá, em benefício da merecida propaganda do andebol, vejamos mais vezes, muito mais vezes associados no mesmo espectáculo os dois jogos da bola, com os pés e com as mãos.

A temporada oficial de campeonato teve o seu início ainda protelado por duas semanas, devendo provavelmente ser inaugurada no primeiro domingo do ano próximo.

As duas datas disponíveis foram concedidas ao Oriental e ao Sporting para disputa de dois torneios, respectivamente entre primeiras e segundas categorias.

Na prova do Oriental teremos no domingo próximo, para apuramento dos finalistas, os encontros Oriental - Sporting e Belenenses - «Os Treze», que prometem boa e animada competição.

Quanto ao torneio sportinguista, não conhecemos ainda, no momento de escrever estas notas, quais serão os clubes concorrentes, mas o seu interesse, embora menor por se tratar de equipas secundárias, é inegável porque permite a utilização de jogadores novos e o adestramento dos conjuntos, que esta temporada ainda não tiveram oportunidade para agir em campo.

José de Eça

A festa da STADIUM

(Continuação da página 5)

Falou primeiro o Dr. Gailhermino de Matos. Uma palavra de saudeção a todos os colaboradores, um agradecimento a Amadeu Seabra, um momento para lembrar o Rodrigues Tetes.

Depois — o Tavares da Silva. Incisivo e decisivo nas suas afirmações, pôs em relevo o bom espírito de cooperação de Amadeu Seabra, a acção do Dr. Matos e de José Soares, o concurso dos redactores e do pessoal da administração e das oficinas. Referiu-se a Francisco Ferreira, um rapaz de belo carácter, um camarada e um amigo leal. E disse.

Logo se levantaram os fotógrafos — em ar de «revolta» organizada... O Tavares esqueceu-se deles, dos homens dos «bonecos», razão de ser — os «bonecos» — de uma revista fo-

tográfica, e isso prova o improviso — Manuel Morais tomou a defesa dos companheiros. Foi eloquente... O Tavares da Silva acabou por fazer «mea culpa». E a «revolta» veio a ser afogada em espumoso — com os «tiros» da proxe à mistura... Era já... dia seguinte quando a festa terminou. — M. M.

Carta da Inglaterra

(Continuação da página 9)

Inglaterra começa a encontrar-se, diz-se em Londres, com a equipa de Dean, Alex James, Hoppgood, Bastian e outros que a conduziram vitoriosa pelo continente, impressionando o próprio Hugo Mei. L. Erra-se pensando «exageradamente» o contrário. O futebol britânico assenta em bases firmes, e quem disso duvida pode tirar a

HIPISMO

PODEMOS informar os leitores que a nossa Federação Equestre, a conselho de F. E. I., dirigiu já convites a determinadas personalidades em evidência no meio hípico, para fazerem parte dos júris e constituir para as provas de preparação olímpica — que deverão ter lugar no próximo ano. Isto indica-nos que os Jogos Olímpicos não estão esquecidos e que começam a tomar-se medidas importantes. Há que aproveitar bem o pouco tempo de que dispomos.

MORRERAM há dias dois cavalos de concurso — o «Incrível» e o «Cuamelto» — o primeiro distribuído ao capitão Travassos Lopes e o segundo ao capitão Ribeiro de Carvalho.

O «Incrível», apesar de não ter «handicap», já dera boa conta de si, e o «Cuamelto», islandês de penúltima remonta, ainda não revelara tudo quanto poderia vir a valer.

ESTAMOS a poucos dias de abertura da nova época. A Sociedade Hípica Portuguesa pensa inaugurar-lhe no primeiro domingo de Janeiro com uma série de «poules», já regulamentadas, que servirão de treino e de preparação para o primeiro Concurso do ano. Como ainda não se realizou o festival dos antigos alunos do Colégio Militar, que consta da Agenda Hípica de 1946, teremos a nova época separada de poucos dias da que está prestes a findar, e não ser que o tempo contrarie o plano estabelecido.

CONSTA nos meios hípicos que vai ser feita uma nova distribuição dos cavalos de reserva da equipa nacional, tendo já em vista os primeiros trabalhos para apetrechamento da equipa representativa do país. Segundo se diz, o cavalo «Zuaris» sairá das mãos do capitão José Carvelhosa a fim de se evitar que cada concursista possua dois cavalos, que possam naturalmente ser indicados para a disputa da Taça de Ouro da Península. Quando, da última vez, que o Troféu foi disputado, não se utilizou o «Tele» para se preferir o «Zuaris», ambos em poder do mesmo cavaleiro, inconveniente que se pretende evitar de futuro.

MAFRA prepara para Março ou Abril o seu concurso anual, para que se evite, como este ano, que o Concurso de Madrid sirva para nós de abertura oficial da época e nos sujeitemos a desagradáveis consequências. A ser assim, o Concurso de Mafra será um treino magnífico para a equipa escolhida, e oferecerá ao seleccionador a possibilidade de aproveitar qualquer elemento em última análise. Duas vantagens que não se devem desprezar.

prova durante a sua apresentação no Estádio Nacional.

Torna-se difícil, nesta altura, ouvir opiniões inglesas sobre o próximo jogo de tanto interesse para os portugueses. Os britânicos pensam mais «no seu futebol» do que «nos seus jogos internacionais». Compreende-se. Melhorar o jogo constitui a probabilidade máxima de o ganhar...

Não será assim?

O empate de S. João da Madeira

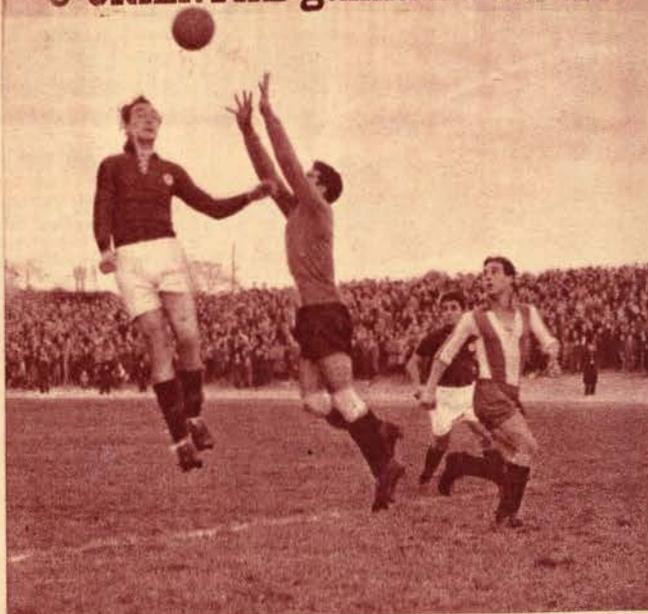


Mota, guardaredes do Sanjoanense, apesar de ameaçado pelo adversário, bloca a bola com facilidade



A Académica ataca! Bentes não está inactivo, mas o guardaredes de S. João da Madeira defende

O ORIENTAL ganha no PORTO



O Oriental deslocou-se ao Porto e venceu por 6-1. Valongo alinhou nas redes. Um avançado do Oriental tenta batê-lo de cabeça...

O UNIÃO DE COIMBRA foi condecorado



A entrega da Comenda da Ordem de Benemerência ao União de Coimbra. Assistiram à cerimónia o sr. coronel Sacramento Monteiro, Governador Civil de Coimbra e altas entidades oficiais e desportivas

SPORTING CLUBE DA PENHA



Na sede do Sporting Clube da Penha e a convite da direcção respectiva, realizou o nosso prezado Chefe de Redacção, Tavares da Silva, uma curiosa palestra sobre futebol. Presidiu à sessão, que despertou invulgar interesse, o sr. capitão Louro, tendo discursado os srs. Edmundo Tagarro, e o presidente do Sporting Club da Penha

ANDEBOL



No Estádio Nacional, numa final bem disputada, o Sporting venceu o Belenenses, em andebol, por 4-1